

# BOLETIM AGROPECUÁRIO

Março/2017 – Nº 46





**Governador do Estado**  
João Raimundo Colombo

**Vice-Governador do Estado**  
Eduardo Pinho Moreira

**Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca**  
Moacir Sopelsa

**Presidente da Epagri**  
Luiz Ademir Hessmann

**Diretores**

Ivan Luiz Zilli Bacic  
Desenvolvimento Institucional

Jorge Luiz Malburg  
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini  
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda  
Extensão Rural

**Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)**  
Reny Dorow



# Boletim Agropecuário

## **Autores desta edição**

Alexandre Luís Giehl  
Gláucia de Almeida Padrão  
João Rogério Alves  
Haroldo Elias Tavares  
Jurandi Teodoro Gugel  
Rogério Goulart Junior  
Tabajara Marcondes



Florianópolis  
2017

**Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)**

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502  
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil  
Fone: (48) 3665-5000  
Site: [www.epagri.sc.gov.br](http://www.epagri.sc.gov.br)  
E-mail: [epagri@epagri.sc.gov.br](mailto:epagri@epagri.sc.gov.br)

**Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)**

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi  
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil  
Fone: (48) 3665-5078  
Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br>  
E-mail: [online@epagri.sc.gov.br](mailto:online@epagri.sc.gov.br)

**Coordenação**

Glauca de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

**Elaboração**

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa  
Glauca de Almeida Padrão – Epagri/Cepa  
João Rogério Alves – Epagri/Cepa  
Haroldo Elias Tavares – Epagri/Cepa  
Jurandi Teodoro Gugel – Epagri/Cepa  
Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa  
Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa  
Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

**Colaboração:**

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)  
Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa  
Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)  
Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)  
Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)  
Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa  
João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)  
Marcia Mondardo – Epagri/Cepa  
Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC  
Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)  
Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa  
Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)  
Wilian Ricce – Epagri/Ciram

**Revisão textual:**

Laertes Rebelo (Epagri/DEMC)

**Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)**

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

## Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne, em um único documento, as informações conjunturais dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina. Anteriormente, a publicação era editada por produto.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende transformar-se em uma ferramenta capaz de auxiliar o produtor rural a vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br//>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

**Luiz Ademir Hessmann**  
Presidente da Epagri

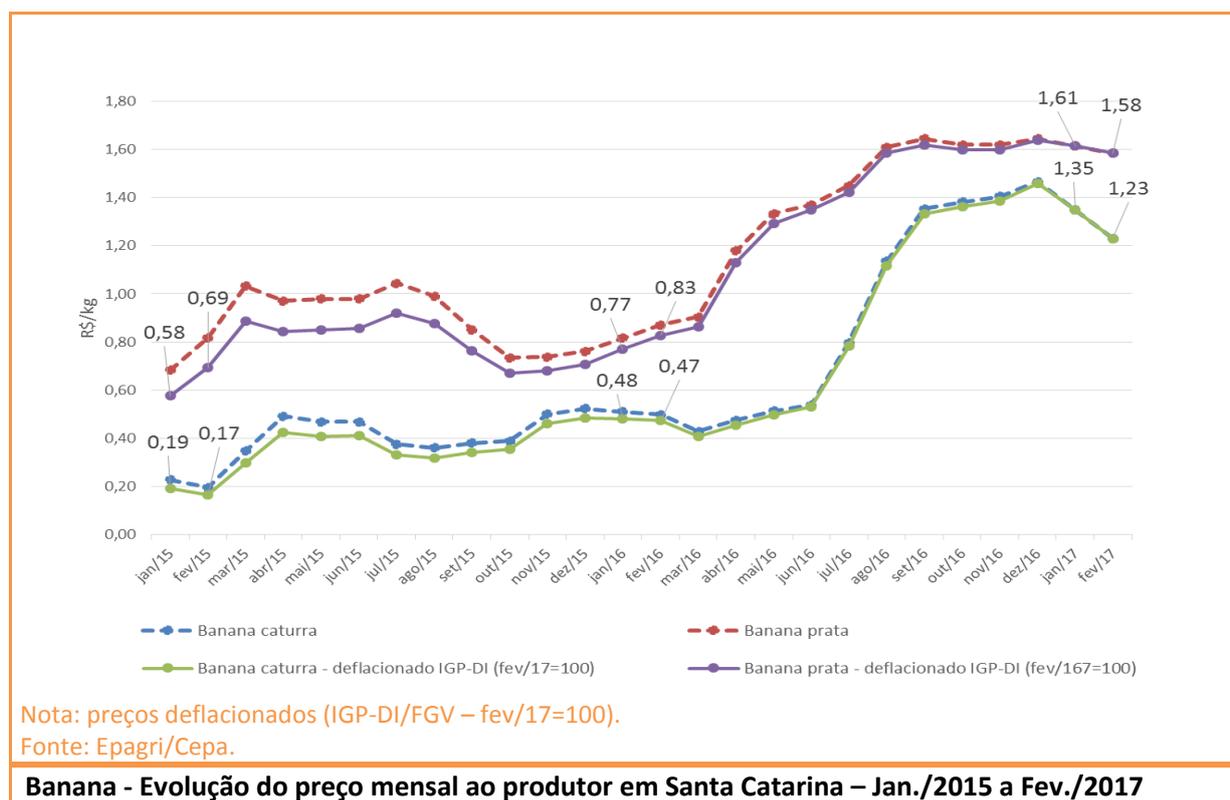
## Sumário

<b>Fruticultura</b> .....	7
Banana .....	7
<b>Grãos</b> .....	11
Arroz .....	11
Feijão .....	13
Milho.....	17
Soja .....	20
Trigo.....	22
<b>Hortaliças</b> .....	24
Alho.....	24
Cebola.....	25
Tomate.....	28
<b>Pecuária</b> .....	31
Avicultura.....	31
Bovinocultura .....	36
Suinocultura.....	40
Leite .....	46

## Fruticultura

### Banana

Rogério Goulart Junior  
Economista, Dr. - Epagri/Cepa  
[rogeriojunior@epagri.sc.gov.br](mailto:rogeriojunior@epagri.sc.gov.br)



**Banana - Evolução do preço mensal ao produtor em Santa Catarina – Jan./2015 a Fev./2017**

O preço mensal deflacionado da banana-caturra, nos dois primeiros meses de 2017, apresentou retração de 15,7%. No período, o clima quente com alta umidade favoreceu o desenvolvimento dos bananais nas regiões produtoras catarinenses. No acumulado de 12 meses a fruta ainda se mantém com valorização nos preços de 160% para a banana-caturra. Nos meses de novembro e dezembro de 2016 com a entrada de frutas de melhor calibre e qualidade os preços se elevaram em 5,3%; mas, entre janeiro e fevereiro, com a retração da demanda e o aumento da oferta da fruta, houve queda de 8,7% no preços.

A banana-prata também reverteu a tendência do final de 2016 e acumula, entre dezembro e fevereiro, redução de 3,2% nas cotações da fruta. Com a baixa demanda ocasionada pelo período de férias escolares e concorrência com outras frutas da época se confirmou a expectativa de desvalorização das cotações no início do ano. Na lavoura a expectativa é de aumento da demanda a partir de março de 2017, com manutenção dos preços e redução relativa da oferta da variedade.

**Banana - Preço médio ao produtor (R\$/kg) nas principais praças de Santa Catarina – 2016 e 2017**

Praça	Mês		Variação (%)
	Dez./2016	Fev./2017	
<b>Jaraguá do Sul<sup>(1)</sup></b>			
Caturra	1,36	0,64	<b>-52,8</b>
Prata	1,20	1,14	<b>-4,8</b>
<b>Sul Catarinense</b>			
Caturra	1,47	1,23	<b>-16,3</b>
Prata	1,64	1,58	<b>-3,7</b>

Nota: Valores em R\$/cx 20 a 22 Kg transformados em R\$/kg.

Fonte: Epagri/Cepa e <sup>(1)</sup>adaptado de Cepea.

**Banana - Preço médio no atacado (R\$/kg) nas principais praças de Santa Catarina – 2016 e 2017**

Praça	Mês		Variação (%)
	Dez./2016	Fev./2017	
<b>Florianópolis (Ceasa)</b>			
Caturra	2,48	1,91	<b>-16,3</b>
Prata	2,58	2,40	<b>-3,7</b>
<b>Jaraguá do Sul<sup>(1)</sup></b>			
Caturra	2,83	1,81	<b>-36,3</b>
Prata	2,37	2,22	<b>-6,4</b>
<b>Sul Catarinense</b>			
Caturra	2,20	1,72	<b>-52,8</b>
Prata	2,29	2,16	<b>-4,8</b>

Nota: Valores em R\$/cx 18 a 20 Kg transformados em R\$/kg.

Fonte: Epagri/Cepa e <sup>(1)</sup>adaptado de Cepea.

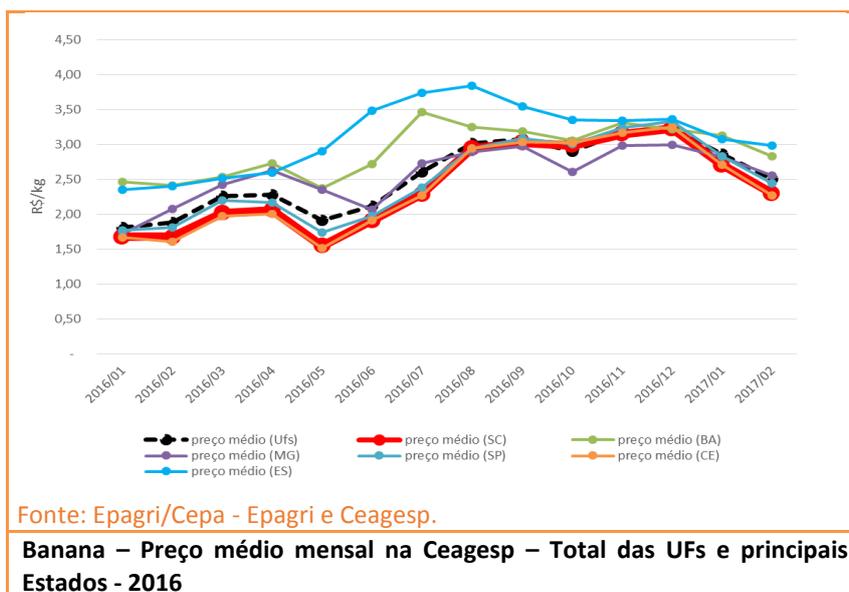
Na Praça de Jaraguá do Sul no período analisado, o preço médio ao produtor para a banana-caturra apresentou forte retração devido ao aumento da oferta da fruta e à baixa demanda do mercado. No Litoral Norte de SC, mesmo com aumento da oferta, a qualidade da banana-prata segura a redução das cotações da variedade.

No Sul Catarinense, os preços da banana-caturra e da prata reverteram a tendência positiva do final de 2016. Contudo, os preços estão maiores que os de outras regiões produtoras devido ao maior calibre e à agilidade da comercialização da fruta na região.

No atacado, os preços da banana-caturra e prata comercializadas na Ceasa (SC) seguem tendência de retração. A expectativa é de melhoria no mercado da banana-prata com manutenção de preços. Já a banana-caturra segue a desvalorização nas cotações devido à grande oferta regional da fruta.

No entreposto paulista a oferta da banana catarinense mantém o volume negociado do ano anterior para janeiro e fevereiro, e o percentual de 5,0% para a fruta catarinense. Porém, o volume total da banana referente ao mesmo período de 2016 na Ceagesp está menor em 700 toneladas.

A quantidade negociada da fruta paulista representou 53%, enquanto a mineira participou com 23% do total no período, seguida pelo estado capixaba com 8,5%. Nos dois primeiros meses de 2017, a participação catarinense representou 5,3% do volume total negociado, com aumento no valor comercializado em mais de R\$400 mil, devido à valorização dos preços em relação ao mesmo período do ano anterior.



**Banana - Preço médio ao produtor (R\$/ kg)<sup>(1)</sup> nas principais praças do Brasil – 2016 e 2017**

Praça	Mês		Variação (%)
	Dez./2016	Fev./2017	
<b>Bom Jesus da Lapa</b>			
Nanica	2,19	1,06	<b>-51,5</b>
Prata	2,24	2,06	<b>-8,3</b>
<b>Norte de Minas Gerais</b>			
Nanica	2,20	1,15	<b>-47,7</b>
Prata	2,50	2,00	<b>-20,0</b>
<b>Vale do Ribeira</b>			
Nanica	2,37	1,29	<b>-45,7</b>
Prata	2,05	2,04	<b>-0,7</b>
<b>Vale São Francisco</b>			
Nanica	...	...	...
Prata	1,56	1,93	<b>23,9</b>

<sup>(1)</sup> Preço médio mensal em R\$/kg.

Fonte: Epagri/Cepa adaptado de CEPEA/Esalq/USP.

Nas regiões produtoras do Sudeste, a oferta da banana-nanica continua alta, mas no Norte de Minas Gerais a banana-prata apresenta baixa qualidade ocasionada pelos efeitos da estiagem do final de dezembro de 2016. Nas principais regiões produtoras do Nordeste o clima seco e problemas nas áreas irrigadas limitaram o desenvolvimento das frutas que apresentaram redução nos preços por problemas na qualidade da fruta. O volume exportado catarinense (61%) nos dois primeiros meses de 2017 está abaixo da média do período, representando apenas 18% do total exportado em 2016. A oferta no mercado brasileiro continua alta e esbarra em exigências fitossanitárias impostas ao Brasil pelo Uruguai e diminuição na demanda da fruta pelos países europeus devido ao aumento da produção mundial, reduzindo as expectativas de recuperação das vendas no próximo mês.

**Banana – Santa Catarina – Comparativo da safra 2015/16 em relação à safra 2016/17**

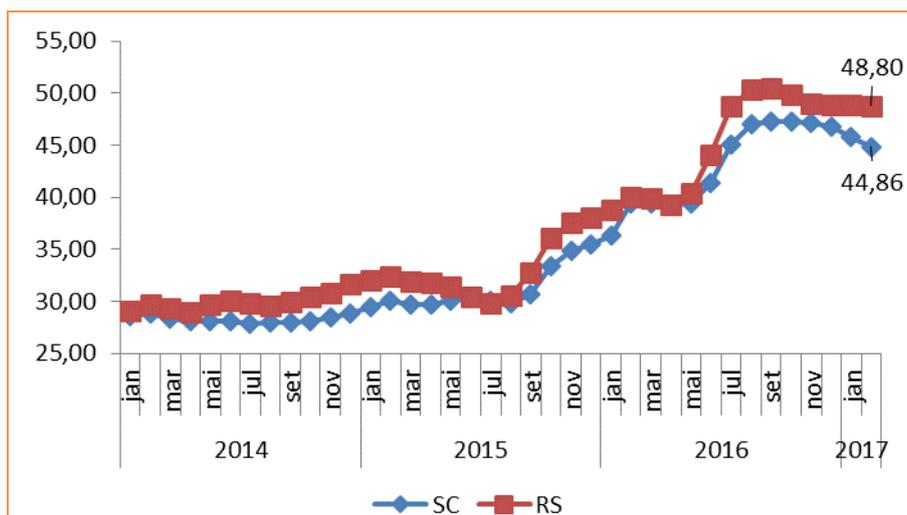
Santa Catarina - Principais MRG com cultivo de Banana	Safra anterior – 2015/16			Estimativa inicial – 2016/17			Estimativa atual – 2016/17			Var. estimativa atual/safra anterior (%)		
	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Blumenau	4.254	159.806	37.566	4.253	159.819	37.581	4.253	159.819	37.581	0,00	0,00	0,00
Itajaí	3.925	122.900	31.312	3.924	122.844	31.306	3.924	122.844	31.306	0,00	0,00	0,00
Joinville	12.714	354.311	27.868	12.719	354.239	27.859	12.715	354.238	27.859	0,00	0,00	0,00
Araranguá	5.094	51.315	10.074	5.095	51.329	10.080	5.092	51.329	10.080	0,00	0,00	0,00
Criciúma	1.379	23.649	17.146	1.380	23.643	17.139	1.380	23.643	17.139	0,00	0,00	0,00
Tubarão	73	695	9.521	73	694	9.507	73	694	9.507	0,00	0,00	0,00
Outras	1.048	22.647	21.610	1.037	22.554	21.744	1.037	22.554	21.744	-0,01	0,00	0,01
<b>Total</b>	<b>28.487</b>	<b>735.323</b>	<b>25.813</b>	<b>28.481</b>	<b>735.122</b>	<b>25.811</b>	<b>28.474</b>	<b>735.121</b>	<b>25.817</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>

Fonte: GCEA/LSPA/IBGE e Espagri/Cepa.

## Grãos

### Arroz

Gláucia de Almeida Padrão  
Economista, Dra. – Epagri/Cepa  
[glauciapadrao@epagri.sc.gov.br](mailto:glauciapadrao@epagri.sc.gov.br)

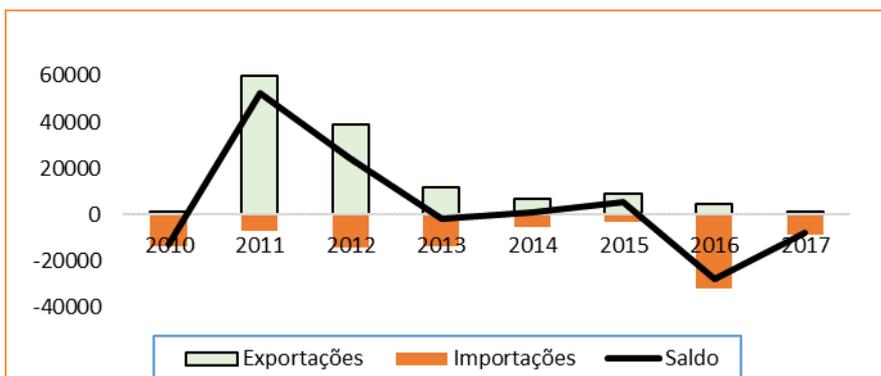


Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink (RS)

**Arroz irrigado – Evolução do preço médio mensal real – Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Jan./2014 a Fev./2017) – R\$/sc 50kg**

Em fevereiro de 2017 os preços do arroz em Santa Catarina mantiveram tendência de queda. O avanço da colheita no estado e no principal produtor nacional, o Rio Grande do Sul e as altas produtividades observadas são fatores que influenciam os preços para baixo. Embora os preços estejam em queda, eles ainda se encontram em um patamar elevado em comparação com os últimos anos. Eles foram influenciados principalmente pelo comportamento dos preços em 2016, bem como pelos baixos estoques que ainda impedem uma queda maior nos preços atuais. Nos próximos meses, com a entrada de maior volume da colheita, a expectativa é de um arrefecimento dos preços em razão da maior oferta.

estoques que ainda impedem uma queda maior nos preços atuais. Nos próximos meses, com a entrada de maior volume da colheita, a expectativa é de um arrefecimento dos preços em razão da maior oferta.



Fonte: Secex/MDIC.

**Arroz em casca – Evolução das exportações, importações e saldo anuais de Santa Catarina – em toneladas**

Em 2017 as exportações de arroz de Santa Catarina totalizaram cerca de 995 toneladas, contra 8,7 mil toneladas importadas principalmente do Uruguai e Paraguai. Essa combinação resultou em um saldo negativo superior ao observado em todo o ano de 2015, cerca de 7,7 mil toneladas. A quebra de safra observada em 2016 resultou em volumes expressivos para a importação a fim de suprir a necessidade da indústria do

Estado. No entanto, com o câmbio favorável, a entrada de produtos em Santa Catarina tem se mantido, mesmo com a expectativa de safra significativa em 2016/17. Nos próximos meses pode haver uma redução nas importações em decorrência do avanço da colheita no Estado.

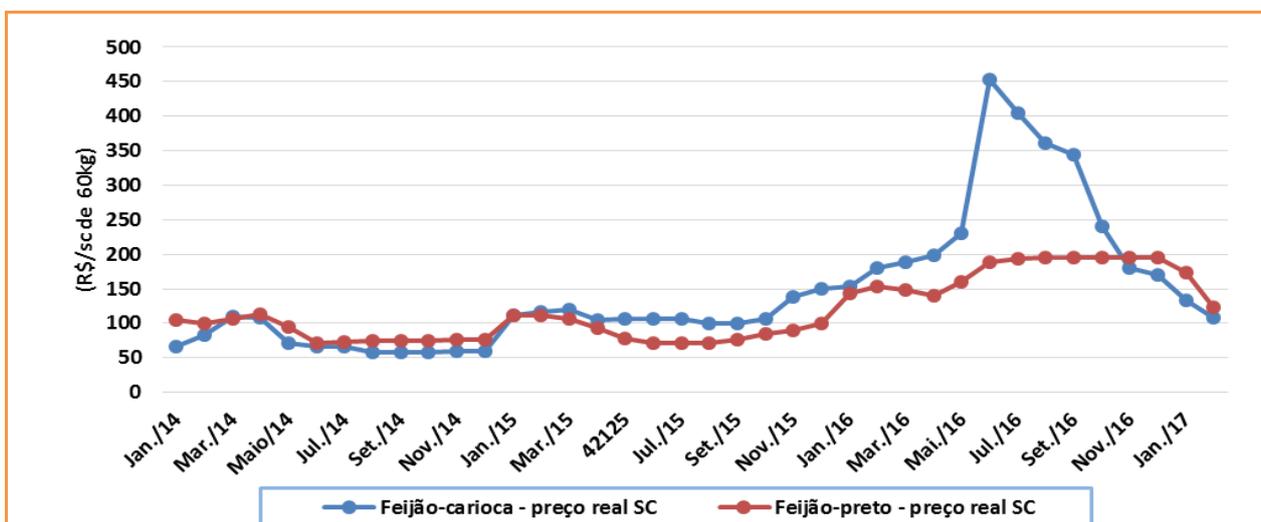
Arroz Irrigado – Acompanhamento da safra 2016/17 – Santa Catarina									
Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 (estimativa atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51.454	364.913	7.092	51.730	368.995	7.133	0,54	1,12	0,58
Blumenau	8.208	65.441	7.973	8.379	67.138	8.013	2,08	2,59	0,50
Criciúma	20.625	148.165	7.184	20.857	143.551	6.883	1,12	-3,11	-4,19
Florianópolis	2.895	16.336	5.643	3.095	17.336	5.601	6,91	6,12	-0,74
Itajaí	9.088	59.997	6.602	9.261	68.561	7.403	1,90	14,27	12,14
Ituporanga	259	1.554	6.000	269	2.152	8.000	3,86	38,48	33,33
Joinville	19.655	126.509	6.436	19.736	166.576	8.440	0,41	31,67	31,13
Rio do Sul	10.684	77.324	7.237	10.769	89.278	8.290	0,80	15,46	14,55
Tabuleiro	125	1.050	8.400	146	1.238	8.479	16,80	17,90	0,95
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.690	20.300	7.546	0,00	0,00	0,00
Tubarão	21.025	158.508	7.539	21.082	156.177	7.408	0,27	-1,47	-1,74
<b>Santa Catarina</b>	<b>146.708</b>	<b>1.040.097</b>	<b>7.090</b>	<b>148.014</b>	<b>1.101.302</b>	<b>7.441</b>	<b>0,89</b>	<b>5,88</b>	<b>4,95</b>

Fonte: Epagri/Cepa.

O andamento da safra 2016/17 segue normalmente em Santa Catarina, aproximando-se do fim em algumas regiões. Atualmente, cerca de 67% do arroz plantado no Estado já foi colhido. Na média catarinense, espera-se um boa produtividade, próxima de 149 sacas de 50kg por hectare. Isso porque o clima foi favorável ao desenvolvimento da cultura e, embora tenha havido atraso em algumas regiões em função do prolongamento do frio, isso não foi suficiente para prejudicar a safra, tendo as lavouras se recuperado e proporcionado boa produtividade. A produção no Estado deve atingir a marca de 1,1 milhão de toneladas em uma área cultivada de 148 mil hectares.

## Feijão

João Rogério Alves  
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa  
[joaoalves@epagri.sc.gov.br](mailto:joaoalves@epagri.sc.gov.br)



Nota: preços reais, corrigidos pelo IGP-DI (fevereiro/2017 = base 100).

Fonte: Epagri/Cepa.

**Feijão – Evolução do preço médio mensal real pago ao produtor de feijão-carioca em Joaçaba/SC e feijão-preto em Chapecó/SC – Jan./2014 a Fev./2017**

O preço do feijão continuou em queda no mês de fevereiro. O preço pago ao produtor pela saca de 60kg do feijão-carioca na praça de Joaçaba foi R\$107,78, com variação negativa de aproximadamente 20% em relação ao mês de janeiro, onde a saca havia sido cotada a R\$134,12. Já o mercado do feijão-preto, acompanhando a tendência do feijão-carioca, apresentou queda entre os meses de janeiro e fevereiro, com acentuada baixa nas cotações da leguminosa em quase todas as principais praças do Estado.

Em Santa Catarina, em fevereiro, o preço médio praticado ao produtor na praça de Chapecó pela saca de 60kg foi de R\$107,78. Em comparação com o mês anterior, para a praça de referência Canoinhas, a saca de 60kg foi comercializada a um preço médio de R\$174,12, o que representa uma redução de aproximadamente 30%. Contudo, já neste início de março, os preços pagos ao produtor começaram a reagir, com a notícia de aumento da procura pelo produto na Região Nordeste, o que levou o mercado a apresentar viés de alta. Na praça de Joaçaba, para o dia 13/03 o preço do feijão-carioca foi cotado a R\$150,00 (preço mais comum).

Em São Paulo, na Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP), na última semana de fevereiro (23/02), o preço médio pago pela saca de 60kg do feijão-carioca extra (nota 9) no mercado atacadista, foi de R\$145,00. No dia 13/03 a mesma saca de 60kg já estava cotada a um preço médio de R\$162,50.

**Feijão Carioca – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores**

Estado	Jan./17 (R\$)	Fev./17 (R\$)	Varição mensal (%)
Santa Catarina <sup>(1)</sup>	134,12	107,78	-19,64
Paraná	116,14	104,57	-9,96
Minas Gerais	153,01	116,32	-23,98
Espírito Santo	122,50	131,25	7,14
Bahia	129,38	125,63	-2,90
Goiás	139,06	120,47	-13,37

<sup>(1)</sup> Praça de referência Joaçaba/SC.

Fonte: Epagri/Cepa, Conab (dados extraídos em 13/3/2017).

Acredita-se que em fevereiro o preço médio do feijão-carioca pago ao produtor tenha chegado à sua pior cotação na safra 2016/17. Em todas as principais praças nacionais o que se observa é uma queda acentuada nos preços pagos ao produtor. Segundo levantamento de preços realizado pela Conab, no estado de Minas Gerais, a redução foi de aproximadamente 24% na comparação entre os meses de janeiro e fevereiro; no Paraná, a queda foi de cerca de 10% e em Goiás, redução de 13%.

**Feijão Preto – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores**

Estado	Jan./17 (R\$)	Fev./17 (R\$)	Varição mensal (%)
Santa Catarina <sup>(1)</sup>	174,12	122,78	-29,49
Espírito Santo	275,00	236,25	-14,09
Goiás	227,50	190,63	-16,21
Paraná	161,57	127,39	-21,15
Rio de Janeiro	236,25	176,25	-25,40
Rio Grande do Sul	180,26	172,68	-4,21

<sup>(1)</sup> Praça de referência Chapecó/SC.

Fonte: Epagri/Cepa, Conab (dados extraídos em 13/3/2017).

No Paraná, o feijão-preto apresentou queda de preço no mês de aproximadamente 21%; no Rio Grande do Sul, importante Estado produtor de feijão-preto, queda de 4,2%; no Espírito Santo, redução de 14%. Nesse último mês as variações negativas nas cotações do feijão-preto foram bastante significativas, puxadas pelas baixas cotações do feijão-carioca. De maneira geral, os produtores de feijão-preto estão cautelosos em comercializar seu produto. Com a elevação nas cotações diárias no início deste mês de março, espera-se que os produtores voltem a ofertar seus estoques depositados em suas propriedades e cooperativas.

**Feijão 1ª safra – Comparativo de safra 2015/16 e 2016/17**

Microrregião	Safra 2015/2016			Estimativa atual safra 2016/2017			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	150	146	970	30	30	1.000	-80	-79	3
Blumenau	328	328	1.000	164	168	1.024	-50	-49	2
Campos de Lages	9.720	19.541	2.010	9.340	17.966	1.924	-4	-8	-4
Canoinhas	5.570	8.452	1.517	6.140	12.114	1.973	10	43	30
Chapecó	1.746	2.953	1.691	1.725	3.358	1.946	-1	14	15
Concórdia	514	527	1.025	415	580	1.398	-19	10	36
Criciúma	354	464	1.312	1.076	1.312	1.219	204	183	-7
Curitibanos	15.600	27.529	1.765	10.595	21.767	2.054	-32	-21	16
Florianópolis	280	370	1.321	140	185	1.321	-50	-50	0
Itajaí	19	22	1.158	7	8	1.143	-63	-64	-1
Ituporanga	500	412	824	937	2.118	2.260	87	414	174
Joaçaba	4.288	7.429	1.733	3.733	7.019	1.880	-13	-6	9
Joinville	28	20	714	14	10	714	-50	-50	0
Rio do Sul	620	444	716	599	992	1.656	-3	123	131
São Bento do Sul	430	540	1.256	300	450	1.500	-30	-17	19
São M. do Oeste	992	1.427	1.439	1.082	1.896	1.752	9	33	22
Tabuleiro	970	1.088	1.122	400	442	1.105	-59	-59	-1
Tijucas	468	621	1.327	264	426	1.614	-44	-31	22
Tubarão	1.002	1.357	1.354	1.057	1.503	1.422	5	11	5
Xanxerê	4.855	10.521	2.167	6.500	15.261	2.348	34	45	8
<b>Santa Catarina</b>	<b>48.434</b>	<b>84.190</b>	<b>1.738</b>	<b>44.518</b>	<b>87.604</b>	<b>1.968</b>	<b>-8</b>	<b>4</b>	<b>13</b>

Fonte: Epagri/Cepa, IBGE/LSPA - SC (Fevereiro/2017).

No mês de fevereiro de 2017 as estimativas de área plantada, produção e rendimento variaram pouco em relação a janeiro de 2017. Os números da Epagri/Cepa apontam para uma produção de feijão 1ª safra 2016/17 na ordem de 87.604 toneladas, numa área de 44.518 hectares, para um rendimento médio de 1.968kg/ha. Esa expectativa é superior à safra passada, na qual o excesso de chuvas no momento da colheita comprometeu significativamente a qualidade do grão colhido. Em relação à safra passada, a redução da área plantada foi da ordem de 8%, já a produção e o rendimento tiveram aumentos de 4% e 13%, respectivamente.

Nesta safra a qualidade dos grãos colhidos da leguminosa é considerada boa em todo Estado. As chuvas de janeiro contribuíram para a melhoria das condições das lavouras que se encontram em desenvolvimento vegetativo. Entretanto, naquelas em fase de maturação e colheita, as chuvas podem ter causado algum transtorno por ocasião da colheita para aqueles produtores que plantaram mais cedo.

**Feijão 2ª safra – Comparativo de safra 2015/16 e 2016/17**

Microrregião	Safra 2015/2016			Estimativa atual Safra 2016/2017			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	781	804	1.030	746	767	1.028	-4	-5	0
Canoinhas	4.250	7.581	1.784	4.400	7.920	1.800	4	4	1
Chapecó	2.636	4.138	1.570	2.248	3.582	1.593	-15	-13	1
Concórdia	39	44	1.128	64	98	1.523	64	122	35
Criciúma	3.048	3.742	1.228	3.488	3.944	1.131	14	5	-8
Ituporanga	1.405	2.993	2.130	1.785	3.684	2.064	27	23	-3
Rio do Sul	809	1.460	1.805	955	2.011	2.106	18	38	17
São Bento do Sul <sup>(1)</sup>	80	96	1.200	80	96	1.200	0	0	0
São M. do Oeste	1.540	2.673	1.736	1.230	2.038	1.657	-20	-24	-5
Tubarão	1.591	1.858	1.168	1.516	1.741	1.148	-5	-6	-2
Xanxerê	9.020	18.492	2.050	9.220	18.207	1.975	2	-2	-4
<b>Santa Catarina</b>	<b>25.199</b>	<b>43.881</b>	<b>1.741</b>	<b>25.732</b>	<b>44.087</b>	<b>1.713</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	<b>-2</b>

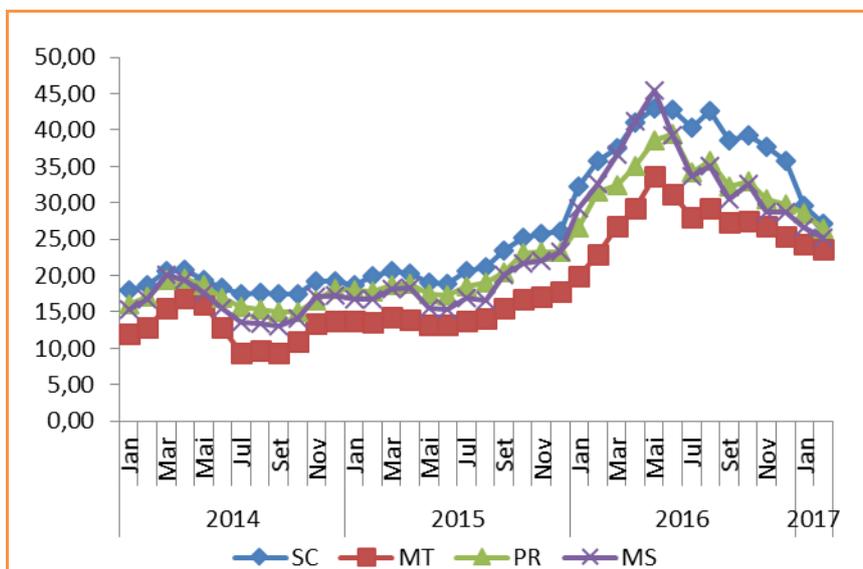
<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alteração.

Fonte: Epaagri/Cepa, IBGE/LSPA - SC (Fevereiro/2017).

Com aproximadamente 55% da área destinada ao plantio do feijão 2ª safra 2016/17 já semeada, a Epaagri/Cepa divulga a primeira estimativa de área plantada, produção e rendimento para a cultura. Até o momento, estima-se que será plantado cerca de 25.732ha, com uma produção esperada de 44.087 toneladas, para um rendimento médio de 1.713kg/ha. Esses números representam um crescimento de 2% na área plantada em relação à safra passada. No final de fevereiro e no início de março, o que tem preocupado os produtores é o frio antecipado, condição climática pode interferir no desenvolvimento vegetativo da cultura, uma vez que ela é relativamente sensível a baixas temperaturas.

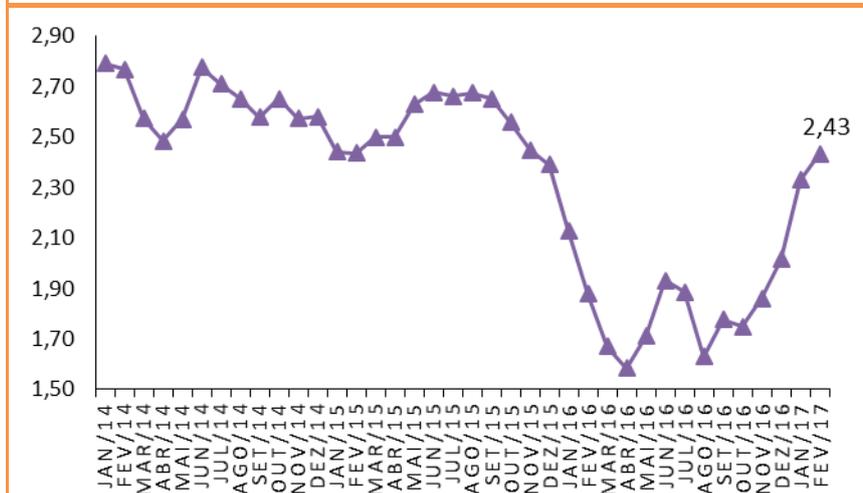
## Milho

Glauca de Almeida Padrão  
Economista, Dra. – Epagri/Cepa  
[glauciapadrao@epagri.sc.gov.br](mailto:glauciapadrao@epagri.sc.gov.br)



Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink (MT, PR, MS).

**Milho – Evolução do preço médio mensal real ao produtor em Santa Catarina, Mato Grosso, Paraná, Mato Grosso do Sul – Jan./14 a Fev./17**

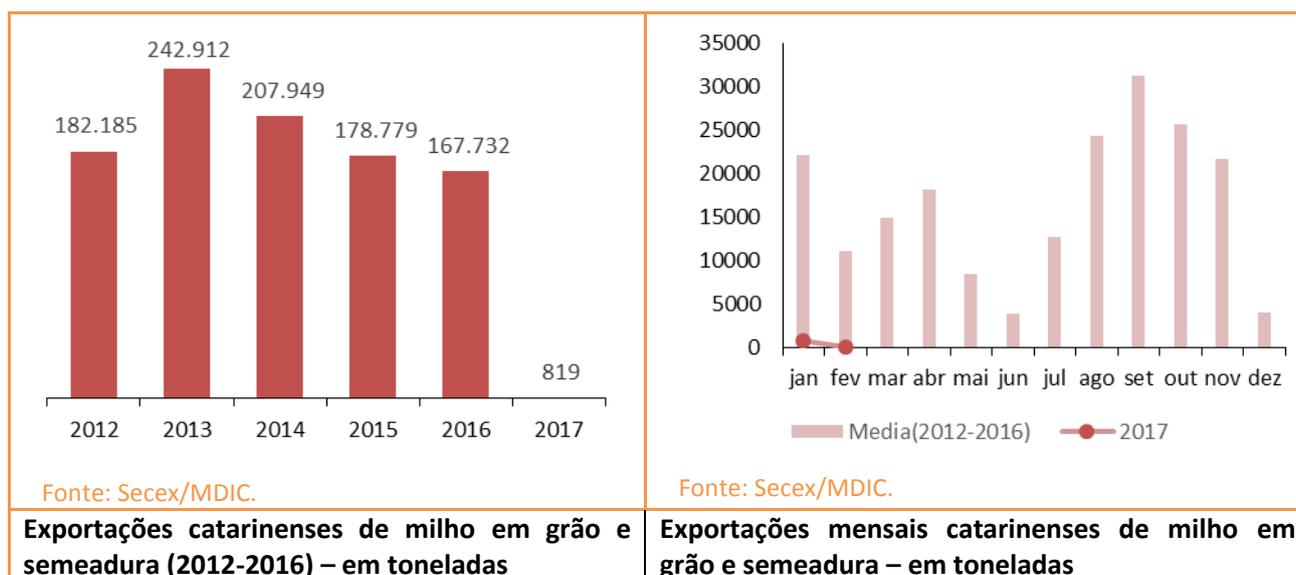


Fonte: Epagri/Cepa.

**Equivalência de preços de soja e milho em Santa Catarina – Jan./14 a Fev./17**

Em fevereiro de 2017 os preços ao produtor em Santa Catarina sofreram nova redução. Comparativamente ao mês de janeiro de 2017 o preço da saca de 60kg de milho grão foi 8% menor, fechando em R\$27,22. Nos principais estados produtores do grão, observa-se o mesmo comportamento decrescente dos preços médios. O avanço do plantio da segunda safra na Região Centro-Oeste, impulsionado pelo fim da janela favorável de plantio e pelas condições climáticas favoráveis, tem resultado em lavouras com grande potencial de produção. Essa expectativa tende a influenciar os preços futuros do mercado interno para baixo, uma vez que, se mantidas as boas condições climáticas, a oferta tende a ser maior que a esperada inicialmente e os preços tendem a se reduzir. Se por um lado essa pressão baixista prejudica o produtor de milho, por outro favorece a produção de proteína animal, onde cerca de 75% da ração animal é composta de milho. Dessa forma a queda no preço do milho, que no último ano apresentou elevação significativa, reduz o custo de produção da proteína animal. A recente desvalorização dos

preços do milho, combinada à queda menos que proporcional dos preços da soja em Santa Catarina, mantiveram a equivalência de preços favorável ao sojicultor no mês de fevereiro de 2017, o que não vinha ocorrendo desde o mês de dezembro de 2015. Em fevereiro de 2017 essa equivalência de preços foi igual a 2,43; no estado de Santa Catarina equivalências de preços de milho e soja acima de 2,3, considerando os custos de produção e rentabilidade, são favoráveis ao sojicultor.



Em 2016 as exportações de milho em Santa Catarina totalizaram 167,7 mil toneladas. Apesar de ficar abaixo do observado nos últimos anos, esse valor é expressivo quando se consideram as condições em que essas exportações foram obtidas, como mercado interno aquecido e quebra de safra. Em fevereiro de 2017 não foram registradas exportações do grão com origem em Santa Catarina. A média dos últimos cinco anos para o Estado no referido mês é de aproximadamente 11 mil toneladas, o que aponta para um desaquecimento do mercado externo para o produtor catarinense. Resta aguardar o comportamento do mercado externo para avaliar a atratividade em relação ao mercado interno.

**Milho Grão Total – Acompanhamento da safra 2016/17 – Santa Catarina**

Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 (Estimativa Atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	7.516	40.135	5.340	8.048	32.781	4.073	7,08	-18,32	-23,72
Blumenau	1.673	6.400	3.825	1.567	5.967	3.808	-6,34	-6,77	-0,46
Campos de Lages	35.500	233.622	6.581	35.160	259.926	7.393	-0,96	11,26	12,34
Canoinhas	30.500	266.270	8.730	32.000	287.760	8.993	4,92	8,07	3,00
Chapecó	61.314	530.621	8.654	64.114	559.228	8.722	4,57	5,39	0,79
Concórdia	31.140	211.666	6.797	28.020	198.283	7.076	-10,02	-6,32	4,11
Criciúma	7.833	47.141	6.018	8.226	48.648	5.914	5,02	3,20	-1,73
Curitibanos	19.848	182.149	9.177	21.608	217.786	10.079	8,87	19,56	9,83
Florianópolis	619	2.299	3.714	619	2.299	3.714	0,00	0,00	0,00
Itajaí	54	199	3.685	53	196	3.698	-1,85	-1,51	0,35
Ituporanga	10.080	61.600	6.111	11.120	76.146	6.848	10,32	23,61	12,05
Joaçaba	55.552	443.751	7.988	59.684	543.664	9.109	7,44	22,52	14,03
Joinville	390	1.284	3.292	340	1.160	3.412	-12,82	-9,66	3,63
Rio do Sul	19.450	111.432	5.729	20.880	125.763	6.023	7,35	12,86	5,13
São Bento do Sul	5.500	44.750	8.136	5.000	40.900	8.180	-9,09	-8,60	0,54
São Miguel do Oeste	45.640	282.792	6.196	48.110	365.853	7.605	5,41	29,37	22,73
Tabuleiro	3.505	11.968	3.415	3.457	11.801	3.414	-1,37	-1,40	-0,03
Tijucas	1.690	6.237	3.691	1.705	6.764	3.967	0,89	8,45	7,50
Tubarão	6.381	37.431	5.866	5.590	27.145	4.856	-12,40	-27,48	-17,22
Xanxerê	23.500	207.534	8.831	26.770	249.382	9.316	13,91	20,16	5,49
<b>Santa Catarina</b>	<b>367.685</b>	<b>2.729.281</b>	<b>7.423</b>	<b>382.071</b>	<b>3.061.450</b>	<b>8.013</b>	<b>3,91</b>	<b>12,17</b>	<b>7,95</b>

Fonte: Epagri/Cepa.

**Milho Silagem – Acompanhamento da safra 2016/17 – Santa Catarina**

Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 (Estimativa Atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	4.870	156.845	32.206	4.912	147.459	30.020	0,86	-5,98	-6,79
Blumenau	1.797	69.865	38.879	1.824	70.895	38.868	1,50	1,47	-0,03
Campos de Lages	5.320	220.250	41.400	5.160	251.250	48.692	-3,01	14,07	17,61
Canoinhas	3.800	140.000	36.842	4.230	163.900	38.747	11,32	17,07	5,17
Chapecó	58.800	2416.709	41.100	57.755	2362.574	40.907	-1,78	-2,24	-0,47
Concórdia	18.280	737.800	40.361	24.780	982.100	39.633	35,56	33,11	-1,80
Criciúma	3.574	141.177	39.501	3.693	146.907	39.780	3,33	4,06	0,71
Curitibanos	2.550	99.680	39.090	2.550	116.620	45.733	0,00	16,99	16,99
Florianópolis	326	13.510	41.442	331	13.700	41.390	1,53	1,41	-0,13
Itajaí	60	1.800	30.000	61	1.827	29.951	1,67	1,50	-0,16
Ituporanga	2.580	108.800	42.171	2.400	99.000	41.250	-6,98	-9,01	-2,18
Joaçaba	15.100	661.100	43.781	15.520	739.350	47.639	2,78	11,84	8,81
Rio do Sul	14.830	527.010	35.537	14.680	528.850	36.025	-1,01	0,35	1,37
São Miguel do Oeste	47.190	1613.840	34.199	45.870	1750.700	38.167	-2,80	8,48	11,60
Tabuleiro	1.320	70.950	53.750	1.339	71.998	53.770	1,44	1,48	0,04
Tijucas	2.470	71.020	28.753	2.506	72.050	28.751	1,46	1,45	-0,01
Tubarão	10.596	390.870	36.888	10.683	362.426	33.925	0,82	-7,28	-8,03
Xanxerê	17.120	749.300	43.768	16.280	700.800	43.047	-4,91	-6,47	-1,65
<b>Santa Catarina</b>	<b>210.583</b>	<b>8.190.526</b>	<b>38.895</b>	<b>214.574</b>	<b>8.582.406</b>	<b>39.997</b>	<b>1,90</b>	<b>4,78</b>	<b>2,84</b>

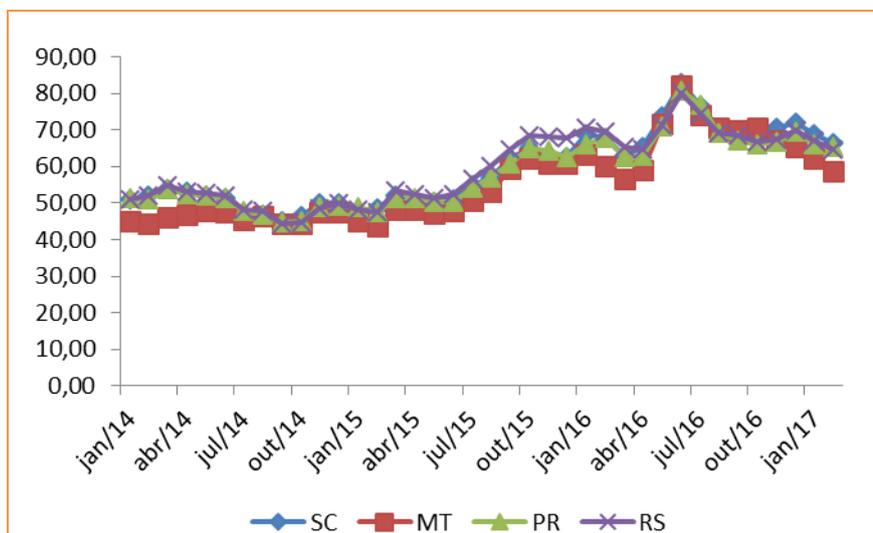
Fonte: Epaagri/Cepa.

A estimativa atual da safra de milho no Estado para 2016/17 aponta para uma variação de 3,91% em relação à safra anterior, um pouco menor que o relatório apresentado no último mês. Isso porque a expectativa inicial do milho 2ª safra ficou um pouco abaixo do que se esperava. No entanto, a produção apresentou variação maior, cerca de 12% acima da produção obtida na safra 2015/16, explicada pelo aumento da produtividade – 7,95% superior ao obtido na safra anterior. As condições climáticas favoráveis para produção do milho 1ª safra e a expectativa de que o milho 2ª safra também tenha uma boa condição de lavoura, combinadas ao aumento no uso de alta tecnologia de produção, resultaram em tal variação positiva. Dessa forma, a produção do grão em Santa Catarina deve superar os 3 milhões de toneladas e, embora esse valor não seja suficiente para sanar a necessidade do Estado, o aumento da oferta reduz a necessidade de demanda externa e reduz os custos da indústria. Para a silagem, observa-se incremento de 1,9% na área plantada e 4,78% na produção, resultando em 214 mil hectares e 8,6 milhões de toneladas.

Atualmente, cerca de 51% da área plantada com milho 1ª safra já foi colhido e 47% do milho 2ª safra já foi plantado no Estado.

## Soja

Gláucia de Almeida Padrão  
Economista, Dra. – Epagri/Cepa  
[glauciapadrao@epagri.sc.gov.br](mailto:glauciapadrao@epagri.sc.gov.br)

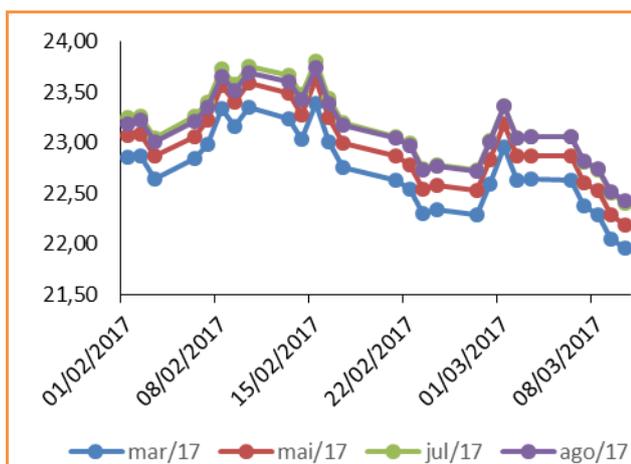


Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink (MT, PR, RS)

**Soja – Preço médio real mensal de soja em grão ao produtor, Santa Catarina – Jan./2014 a Fev./2017**

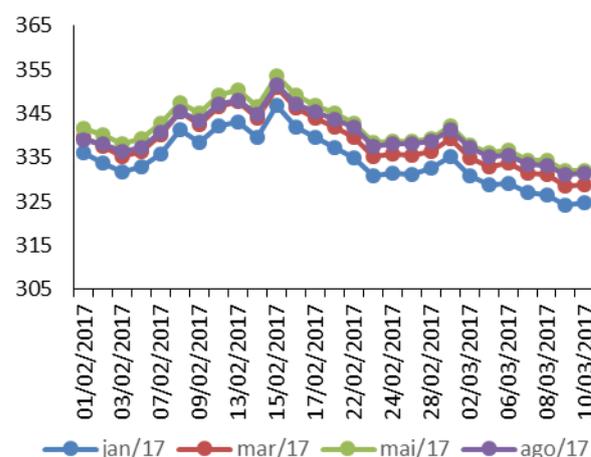
Em fevereiro de 2017 a trajetória de queda continuou sendo observada nos preços da soja em Santa Catarina. Esse comportamento também foi observado nos principais estados produtores, a saber Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul. Em fevereiro de 2017 os preços da saca de 60kg de soja em Santa Catarina atingiram a marca de R\$66,25, cerca de R\$7,00 acima do maior Estado produtor, que fechou os preços em R\$58,88. A entrada do grão colhido da safra 2016/17 com alta qualidade e produtividade, além da expectativa elevada para a safra mundial, têm influenciado os

preços do grão para baixo, levando os produtores a segurar a venda na busca por melhores preços. No mercado futuro os preços também reagiram negativamente em virtude do aumento da projeção da safra brasileira da oleaginosa.



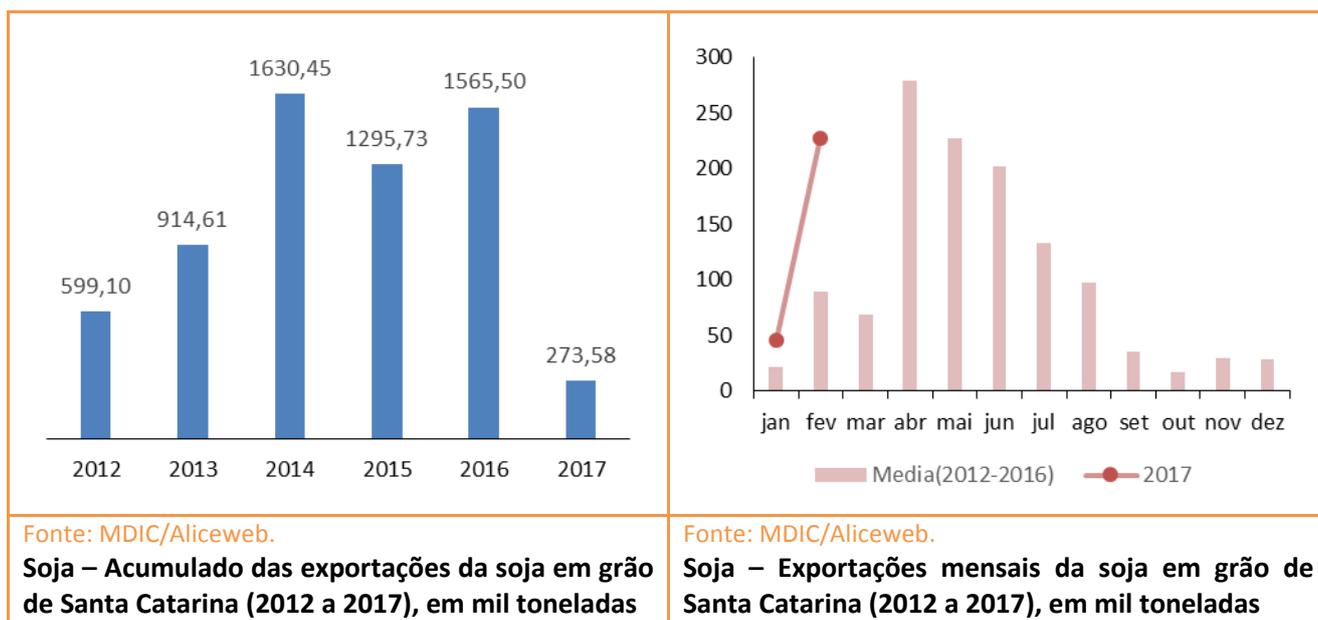
Fonte: CME Group - CBOT.

**Soja em grão – Preço futuro negociado na CBOT (US\$/sc 60kg)**



Fonte: CME Group - CBOT.

**Farelo de soja – Preço futuro negociado na CBOT (US\$/t)**



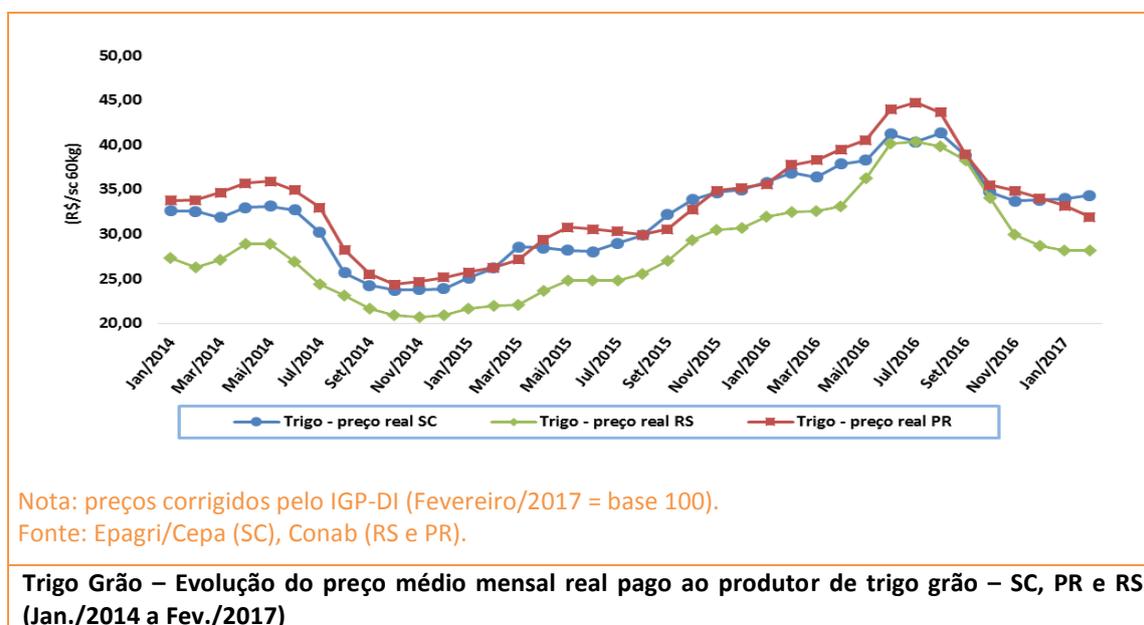
As exportações catarinenses em 2016 foram cerca de 21% maiores do que as observadas em 2015. Em fevereiro de 2017, o volume exportado atingiu a marca de 227,5 mil toneladas, mais que o dobro da média histórica dos últimos cinco anos. Esse aumento das exportações, observado no mês de fevereiro, também deverá ser observado nos próximos meses, haja vista que o cumprimento dos contratos fechados ainda em 2016 avançam com a entrada do grão colhido da safra 2016/17.

Soja – Santa Catarina – acompanhamento da safra 2016/17									
Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 - Estimativa atual			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	60.430	201.440	3.333	59.200	189.740	3.205	-2,04	-5,81	-3,85
Canoinhas	133.320	456.456	3.424	131.700	469.300	3.563	-1,22	2,81	4,08
Chapecó	91.575	262.779	2.870	87.919	267.648	3.044	-3,99	1,85	6,09
Concórdia	4.235	13.290	3.138	5.890	19.203	3.260	39,08	44,49	3,89
Curitibanos	103.645	358.894	3.463	107.180	415.920	3.881	3,41	15,89	12,07
Ituporanga	6.350	21.265	3.349	6.990	24.576	3.516	10,08	15,57	4,99
Joaçaba	57.905	207.558	3.584	57.010	216.399	3.796	-1,55	4,26	5,90
Rio do Sul	3.375	10.941	3.242	3.930	13.545	3.447	16,44	23,80	6,32
São B. do Sul	10.400	34.320	3.300	10.500	33.900	3.229	0,96	-1,22	-2,16
S. M. do Oeste	36.270	108.882	3.002	35.970	108.938	3.029	-0,83	0,05	0,89
Xanxerê	140.000	448.763	3.205	137.060	449.053	3.276	-2,10	0,06	2,21
<b>Santa Catarina</b>	<b>647.505</b>	<b>2.124.588</b>	<b>3.281</b>	<b>643.349</b>	<b>2.208.222</b>	<b>3.432</b>	<b>-0,64</b>	<b>3,94</b>	<b>4,61</b>

Em Santa Catarina a produção esperada para a safra 2016/17 é de 2,2 milhões de toneladas em uma área de 643 mil hectares, que é cerca de 0,6% menor que a área plantada na safra 2015/16. As lavouras se desenvolveram bem e a expectativa é que a produtividade seja acima do inicialmente projetado, resultando em maior oferta e, conseqüentemente, reforçando a pressão de baixa nos preços.

## Trigo

João Rogério Alves  
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa  
[joaoalves@epagri.sc.gov.br](mailto:joaoalves@epagri.sc.gov.br)



Em Santa Catarina, no mês de fevereiro o mercado se manteve calmo, os preços pagos ao produtor de trigo avançaram um pouco, com o produtor catarinense recebendo em média R\$34,33 pela saca de 60kg do cereal, variação positiva de cerca de 1,0%. Com a forte retração no consumo de farinhas, os preços do trigo tendem a permanecer estáveis, a população está consumindo menos biscoito e macarrão e isso prejudica o setor. Outro aspecto que contribui para os preços do trigo não reagirem é a queda no preço do milho, que puxou para baixo as cotações nos preços do farelo de trigo. No cenário internacional a tendência é de queda, com os Estados Unidos reduzindo as exportações e as perdas por estiagem não se confirmando, pois há informações de que as condições climáticas naquele país estão melhorando. Os contratos de compra futura caíram significativamente na bolsa de Chicago.

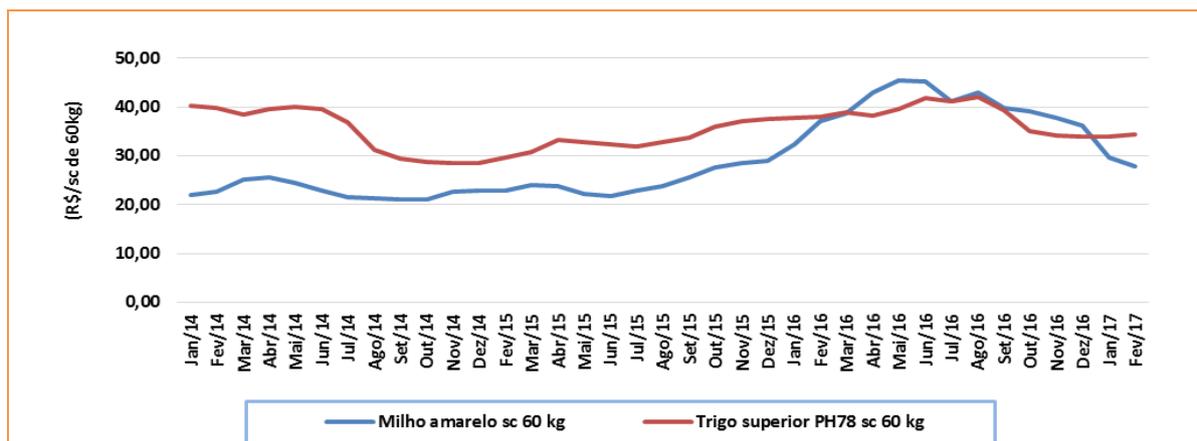
### Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor safra 2016/17 – R\$/sc de 60kg

Estado	Jan./17	Fev./17	Variação (%)
Santa Catarina	34,00	34,33	0,97
Paraná	33,21	31,95	-3,79
Rio Grande do Sul	28,18	28,15	-0,11
Goiás	34,05	31,50	-7,49
Minas Gerais	49,11	49,70	1,20
Mato Grosso do Sul	28,50	31,50	10,53

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (PR,RS,GO,MG e MS).

enquanto, em fevereiro, o preço da saca recuou para R\$28,15.

No Paraná, os preços médios pagos aos produtores de trigo em fevereiro foi de R\$ 31,95, contra os R\$33,21 pagos em janeiro, uma redução de cerca 3,8%. Já no Rio Grande do Sul, segundo a Conab, os preços aos agricultores recuaram muito pouco em relação ao mês de janeiro, mantendo-se praticamente estáveis. Em janeiro o produtor gaúcho recebeu pela saca de 60kg de trigo, em média, R\$28,18,



Fonte: Epagri/Cepa.

**Trigo grão – Relação do preço médio mensal nominal pago ao produtor para o trigo e milho – Santa Catarina (Jan./2014 a Fev./2017)**

No gráfico podemos visualizar que em Santa Catarina, desde março de 2016, o preço da saca de 60kg de milho grão vinha sendo superior ao preço da saca de 60kg de trigo grão, mas a partir de dezembro, com as sucessivas quedas no preço do milho, essa relação se inverteu. A partir de dezembro de 2016, a relação de preço nominal entre o trigo e o milho passou a ser mais favorável ao trigo. Em fevereiro, foi de 23,4% em favor do trigo.

**Trigo Grão – Comparativo de safra 2015/16 e estimativa atual da safra 2016/17**

Microrregião	Safra 2015/16			Estimativa atual - Safra 2016/17			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	1.600	4.520	2.825	1.750	6.420	3.669	9	42	30
Canoinhas	17.380	26.874	1.546	14.900	54.474	3.656	-14	103	136
Chapecó	18.360	41.612	2.266	16.605	46.827	2.820	-10	13	24
Concórdia	793	2.091	2.635	622	1.742	2.800	-22	-17	6
Curitibanos	11.375	25.080	2.205	10.648	44.486	4.178	-6	77	89
Ituporanga	1.330	876	659	1.585	4.128	2.604	19	371	295
Joaçaba	6.580	14.319	2.176	4.790	18.590	3.881	-27	30	78
Rio do Sul	500	659	1.318	445	1.045	2.348	-11	59	78
São Bento do Sul	220	396	1.800	250	843	3.372	14	113	87
São M. Oeste	5.935	16.892	2.846	2.295	7.325	3.192	-61	-57	12
Xanxerê	15.645	41.666	2.663	15.175	43.719	2.881	-3	5	8
<b>Santa Catarina</b>	<b>79.718</b>	<b>174.985</b>	<b>2.195</b>	<b>69.065</b>	<b>229.598</b>	<b>3.324</b>	<b>-13</b>	<b>31</b>	<b>51</b>

Fonte: Epagri/Cepa (fevereiro/2017).

Neste mês de fevereiro a Epagri/Cepa disponibiliza os números finais para a safra 2016/17 de trigo em Santa Catarina, com uma cobertura de praticamente 100% da área total de trigo cultivada no Estado. Os levantamentos do Epagri/Cepa indicam que Santa Catarina deverá chegar a uma produtividade recorde em sua história, atingindo 3.324 kg/ha de produtividade média em uma área de 69.065 hectares e alcançando uma produção de 229.598 toneladas do produto. Com uma “safra cheia”, espera-se uma produção 31% superior à da safra 2015/16, quando alcançou 174.985 toneladas. Mesmo com uma área cultivada 13% inferior à da safra passada, espera-se um aumento de produtividade na ordem de 51% nesta safra.

## Hortaliças

### Alho

Jurandi Teodoro Gugel  
Eng. Agrônomo - Epagri/Cepa  
[jurandgugel@epagri.sc.gov.br](mailto:jurandgugel@epagri.sc.gov.br)

A safra catarinense de alho já foi toda colhida e os produtores e cooperativas estão em ritmo forte de preparo e acondicionamento para a comercialização. A comercialização está se realizando em ritmo “atípico” em relação aos últimos anos. A expectativa dos produtores e suas organizações durante o desenvolvimento do ciclo produtivo era de que o mercado iria absorver a produção catarinense em ritmo mais acelerado do que na realidade vem ocorrendo. No mês de janeiro o mercado apontava para uma velocidade menor do que a expectativa no final de 2016. Essa situação se confirmou e ainda persiste. Mesmo assim, o setor e a cadeia produtiva avaliam que, apesar dessa situação, comparativamente a outras culturas do ramo hortifrúti, a situação do alho é mais tranquila, porém requer atenção e boa estratégia na oferta da produção para comercialização.

Santa Catarina é o principal produtor nacional de alho com aproximadamente 2.400ha de área plantada na safra 2016/17, cuja produção fora estimada em mais de 20 mil toneladas. De forma geral, o alho não fugiu à regra: as condições climáticas e o nível tecnológico das lavouras no Estado permitiram uma safra extraordinária em produtividade e qualidade dos bulbos. Essa condição permite ao produtor enfrentar com maior tranquilidade a dinâmica de comercialização que deve ser um pouco mais alongada que nas safras anteriores.

Sempre presente nas preocupações de produtores e demais componentes da cadeia produtiva, as importações de alho, especialmente da China, tiveram um comportamento de queda nesse início de ano conforme pode ser visto na Tabela 1.

Importação de alho pelo Brasil – 2013 a 2017					
	2013	2014	2015	2016	2017 <sup>(1)</sup>
U\$\$(mil)	215.558	164.516	162.301	359,530	52,440
Tonelada (mil)	173,647	159,224	148,840	186,167	22,528

<sup>(1)</sup>jan./fev.

Fonte: MDIC- Sistema Alice.

Pelos números acima, percebe-se que, nos meses de janeiro e fevereiro de 2017, houve importação de 22,528 mil toneladas de alho para o mercado brasileiro, o que significa uma queda de 27,46% em relação à média de 2016. Quando comparados os meses de janeiro e fevereiro de 2016 com o mesmo período de 2017, a queda é superior e chega a 33,34%. No ano passado, no mesmo período o País importou 33,8 mil toneladas, enquanto nesse ano o volume alcança 22,528 toneladas.

Os preços pagos aos produtores nas principais praças de Santa Catarina, segundo levantamento realizado pela Epagri/Cepa, foram esta semana de R\$5,00/kg para classe 2-3, R\$7,50,00/kg para classe 4-5 e R\$9,50,00/kg para alho classe 6-7 nobre, um pouco abaixo das expectativas dos produtores para o período.

A estimativa com base nos contatos de colaboradores de campo e agentes mercado é de que 60% da safra catarinense já tenha sido comercializada.

## Cebola

Jurandi Teodoro Gugel  
Eng. Agrônomo - Epaagri/Cepa  
[jurandgugel@epagri.sc.gov.br](mailto:jurandgugel@epagri.sc.gov.br)

O estado de Santa Catarina é o maior produtor nacional de cebola com mais de 20 mil hectares plantados. As condições gerais do período produtivo da cebola catarinense foram excelentes. As ótimas condições climáticas, associadas ao uso intenso de tecnologias, apresentaram uma safra recorde que deverá ultrapassar as 580 mil toneladas. Os produtores catarinenses alcançaram produtividades acima de 30 toneladas por hectare e muitos chegaram a superar as 50 toneladas por hectare. Esse comportamento da cultura ocorreu também nas principais regiões produtoras brasileiras fazendo com que o mercado esteja desde o final de 2016 com expressivo volume ofertado, trazendo consequências importantes, especialmente para a queda de preço ao produtor. Essa queda de preços teve seu início na primeira quinzena de janeiro e persiste até o momento, inclusive com agravamento na conjuntura de mercado.

Os preços ao produtor oscilam neste momento de R\$0,45 a R\$0,55 por quilo nas principais regiões produtoras de Santa Catarina para a cebola classe 3 a 5. Portanto, um preço bem abaixo do custo de produção no Estado.

Por outro lado, o setor não alimenta perspectiva de melhoras de preço significativas no curto prazo, o que deixa produtores e demais componentes da cadeia produtiva apreensivos em relação à situação, pelo menos mais imediata, da cadeia produtiva, que terá influência importante para definição da próxima safra.

A comercialização da safra da cebola catarinense já ultrapassou 50% do volume de produção, sendo fato consumado que a safra não atingiu os resultados econômicos minimamente necessários para a sustentabilidade do processo produtivo da cadeia da cebolicultura e, dessa forma, dificilmente haverá reversão do quadro de frustração dos produtores catarinenses.

Como já mencionado no boletim anterior, como são basicamente agricultores familiares, os produtores acumulam duas safras de cebola problemáticas do ponto de vista dos resultados econômicos. A safra 2015/16 teve perdas importantes por excesso de chuva no período do ciclo produtivo e especialmente na colheita. Na safra 2016/17, mesmo com excepcional produção em qualidade e produtividade, a queda no desempenho econômico é fruto do baixo preço alcançado no mercado.

As organizações representativas chamam a atenção para o eminente grau de descapitalização e endividamento de significativo número de produtores de cebola em Santa Catarina. Neste sentido, diversas ações foram implantadas e continuam sendo desenvolvidas especialmente voltadas à questão dos financiamentos da safra atual. Com relação a essa demanda, o Manual de Crédito Rural (MCR) prevê, quando há dificuldades de mercado ou mesmo situações de sinistros naturais, a possibilidade de repactuação de dívidas. Muito embora essa alternativa seja meramente pontual e emergencial, trata-se de uma medida que contribuirá para amenizar o drama de muitas famílias produtoras.

De forma geral o pleito dos agricultores está sendo atendido e conta com os seguintes pontos principais que estão sendo aplicados pelo Banco do Brasil, principal agente financiador da cultura em Santa Catarina:

- a) As operações de crédito podem ser prorrogadas;
- b) Haverá necessidade de laudo individual de cada produtor apresentando as dificuldades de comercialização;
- c) Análise caso a caso para definição da porcentagem de entrada e do prazo de pagamento que, pelas normativas vigentes, é de no máximo 5 (cinco) anos e fica condicionado à capacidade de pagamento do produtor;
- d) A prorrogação não impedirá a tomada de novo crédito para a próxima safra, desde que amparada na capacidade de endividamento e limite de crédito do produtor, de modo a dar segurança técnica às duas operações.

No ano de 2016 o mercado brasileiro foi atendido com volume expressivo de importação de cebola oriunda da Europa (Países Baixos) e de alguns países da América Latina, favorecido por uma relativa oferta interna menor e pela queda na qualidade do produto de algumas regiões em função dos problemas climáticos, especialmente no Sul do Brasil. No segundo semestre, entretanto, as importações de cebola tiveram significativa redução com uma pequena retomada no mês de dezembro.

Comparando o quadro das importações de cebola no final do ano de 2016 e no início de 2017 (entrada da safra catarinense), percebe-se uma drástica queda nas importações brasileiras do bulbo.

Importação de Cebola no período de entrada da safra catarinense (mil t)						
Origem	Jan./16	Jan./17	Fev./16	Fev./17	Nov./16	Dez./16
U.Europeia	12,57	2,12	2,31	0,90	1,623	2,316
A.Latina	2,53	-	8,84	0,179	-	-
<b>Total</b>	<b>15,10</b>	<b>2,12</b>	<b>11,15</b>	<b>1,079</b>	<b>1,623</b>	<b>2,316</b>

Fonte: MDIC – Sistema Alice.

Pelos dados acima, houve uma queda de 86% nas importações comparando janeiro de 2016 com janeiro de 2017. No comparativo para o mês de fevereiro a redução foi de 90%.

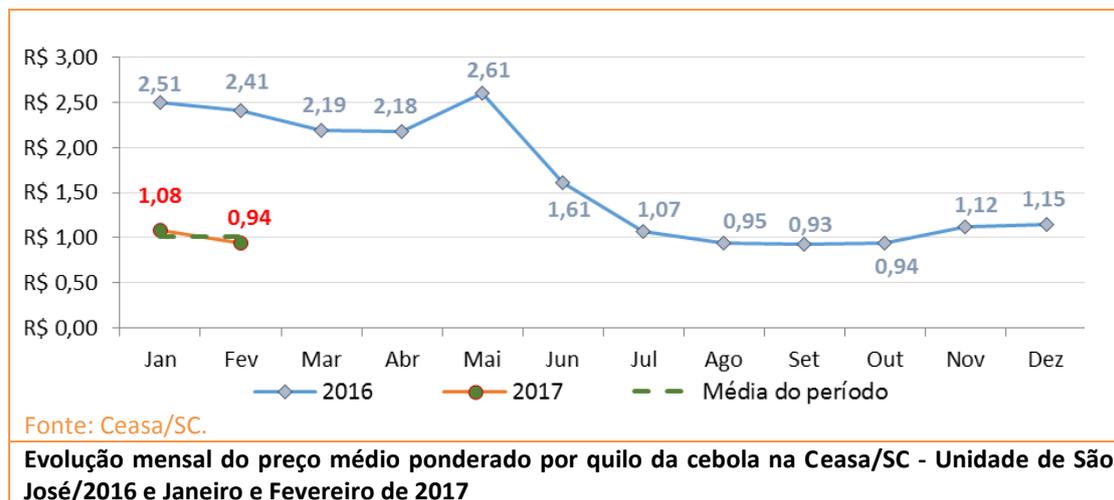
No mercado atacadista, na unidade da Ceasa/SC de São José, no mês de fevereiro/17, houve uma queda na comercialização comparativamente ao mês de janeiro/17 na ordem de 30%, possivelmente puxada pela duração menor do mês de fevereiro, quando acontece o feriado de carnaval. O volume comercializado caiu de 1.580,51 toneladas para 1.093,74 toneladas. De qualquer forma, o mês de março será acompanhado para avaliar se há outras variáveis influenciando no comportamento do mercado.



Fonte: Ceasa/SC.

Evolução mensal do volume(t) da cebola comercializada na Ceasa/SC – Unidade de São José/2016 e Janeiro e Fevereiro de 2017

A figura abaixo apresenta a evolução dos preços de atacado na unidade da Ceasa/SC-São José. Há importante queda nos preços nos períodos comparados de janeiro/16 e janeiro/17, com queda de 57%, e com fevereiro/16 e fevereiro/17, a queda foi um pouco superior e chegou a 60%.



## Tomate

Haroldo Tavares Elias  
Engenheiro-agrônomo, Dr. - Epagri/Cepa

[htelias@epagri.sc.gov.br](mailto:htelias@epagri.sc.gov.br)

Evandro Uberdan Anater

Licenciado em Estudos sociais, Esp. - Epagri/Cepa

[anater@epagri.sc.gov.br](mailto:anater@epagri.sc.gov.br)

O tomate tem uma posição de destaque na composição Valor Bruto da Produção agropecuária de Santa Catarina, obtendo a 15ª posição entre 49 produtos analisados (Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina, Epagri/Cepa/2016), com valor estimado de R\$ 355.406.000,00, evidenciando sua importância econômica para o Estado. O Brasil é o oitavo produtor mundial e Santa Catarina o sétimo produtor nacional, tornando a cultura uma atividade de grande importância econômica e social. Contudo, produzir tomates representa enfrentar desafios a cada ano. Na safra 2014/15 o grande vilão foi o clima. Com menos chuvas no Nordeste, estiagem histórica no Sudeste, sobretudo em Minas Gerais e São Paulo, e chuva em demasia no Sul. Em 2015/16, a elevação dos custos puxados pela alta do dólar afetou a rentabilidade de todas as lavouras. Na safra 2016/17 o produtor manteve a esperança na cultura e praticamente plantou a mesma área do ano anterior, o que acabou por projetar uma produção similar à safra 2015/16. Os estados de Goiás, São Paulo e Minas Gerais permanecem como os maiores produtores nacionais, representando juntos 65% da produção nacional e 56% da área plantada na safra 2016/17. Goiás permanece como maior produtor nacional. Santa Catarina, por sua vez, atingiu uma área de plantio 2.700 hectares, com um rendimento médio de 65t/ha.

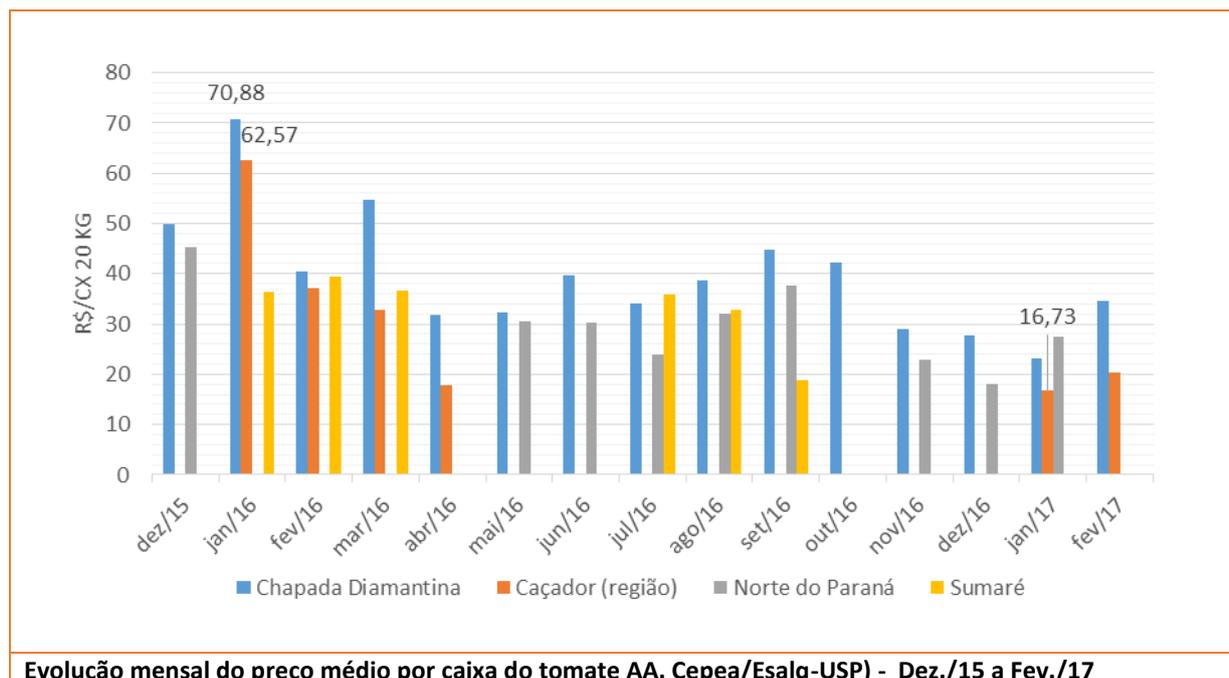
**Tomate – Comparativo de safras principais estados – 2015/16 e 2016/17**

UF	Safra 2015/16			Safra 2016/17		
	Área plantada (ha)	Produção (t)	Prod. (t/ha)	Área plantada (ha)	Produção (t)	Prod. (t/ha)
Brasil	58.785,00	3.737.925,00	63,59	58.616,00	3.787.324,00	64,61
Goiás	12.002,00	978.258,00	81,51	11.384,00	957.676,00	84,12
São Paulo	11.259,00	753.283,00	66,90	11.259,00	753.283,00	66,90
Minas Gerais	10.304,00	702.510,00	68,18	10.304,00	745.600,00	72,36
Paraná	4.387,00	249.760,00	56,93	2.663,00	157.042,00	58,97
Rio de Janeiro	2.573,00	189.611,00	73,69	2.533,00	182.237,00	71,95
Bahia	4.055,00	175.170,00	43,20	5.800,00	249.000,00	42,93
Santa Catarina	2.794,00	171.699,00	61,45	2.700,00	175.500,00	65,00
Espírito Santo	2.528,00	154.074,00	60,95	2.274,00	142.384,00	62,61
Ceará	2.532,00	122.846,00	48,52	2.699,00	135.115,00	50,06
Rio Grande do Sul	2.324,00	112.563,00	48,44	2.267,00	115.733,00	51,05
Pernambuco	1.741,00	53.331,00	30,63	2.464,00	90.133,00	36,58
Outros UF	2.286,00	74.820,00	32,73	1.740,00	47.636,00	27,38

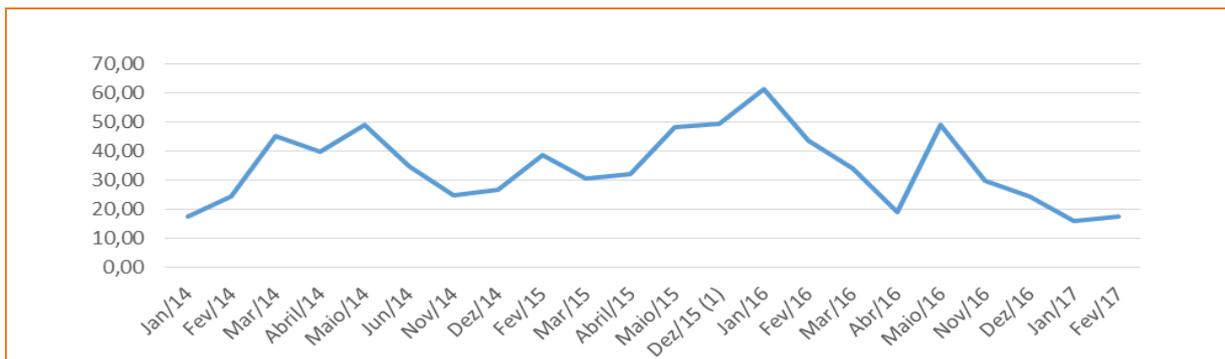
Fonte: IBGE - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola. Jan./2016.

Embora a cada safra as dificuldades de clima, preços, crédito e comercialização se renovem, o produtor catarinense tem se mantido fiel à atividade, ignorando os apelos de menor custo, menores riscos e

rentabilidade mais segura das culturas anuais como milho e soja, ou até mesmo outra hortifrúti. Os números da safra catarinense 2016/17 apontam para uma área total de 2.700ha, ou seja, 94ha inferior à safra 2015/16. No entanto, a perspectiva de produção é maior, uma vez que safra em curso transcorreu sob condições climáticas próximas do ideal, com chuvas regulares em volumes suficientes. Essas condições resultaram na produção de frutos de boa coloração, forma e densidade, garantindo a padronização e seu posicionamento no mercado nacional. O comportamento dos preços desta safra, nas diferentes regiões produtoras, é apresentado abaixo. O produto catarinense se insere no mercado nacional de janeiro a abril, com uma cotação de destaque.



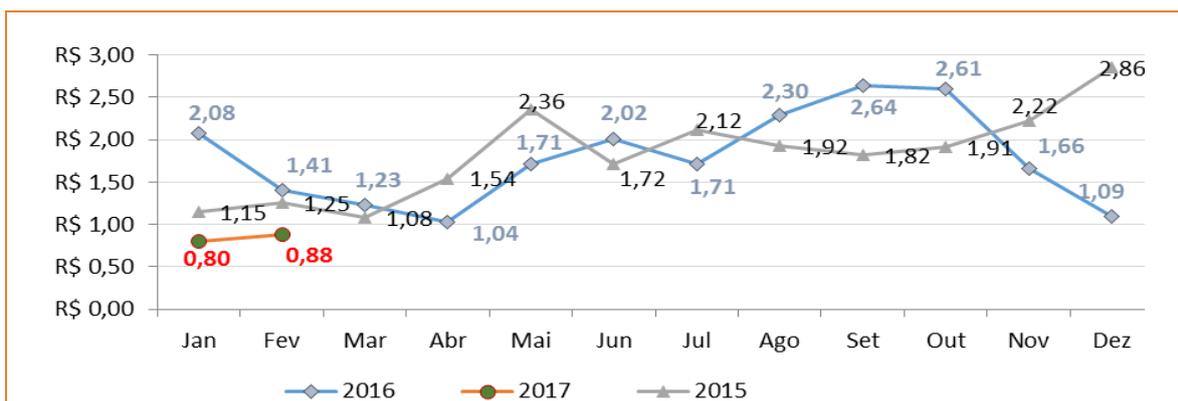
A caixa de 20kg foi comercializada pelos produtores ao preço médio de R\$15,00 em Caçador, registrando nesta safra os menores níveis de preços comparáveis a janeiro de 2014. Por outro lado, o maior patamar de preços registrados no período foi em janeiro de 2016, acima de R\$60,00.



Fonte Epagri/Cepa.

**Preços médios de produtos agrícolas recebidos pelos agricultores tomate extra "AA" cx 20-23 kg (R\$), segundo as principais praças de Santa Catarina - Jan./2014 a Fev./2017**

O comportamento dos preços do tomate praticados no atacado Ceasa/SC 2016 apresentou uma grande oscilação, com maior cotação em outubro, registrando R\$2,61/kg. Desde então os preços entraram em rota de declínio acentuado, chegando a R\$0,88/kg em fevereiro 2017. O forte calor nas regiões produtoras de tomate acelerou a maturação desde final do ano e os produtores tiveram que colher maiores volumes, pressionando ainda mais a oferta. A elevada oferta de tomate, associada à retração da demanda, resultou em baixos preços desde novembro de 2016. Assim, muitos produtores precisaram descartar tomates em Itapeva (SP), Lebon Régis (SC) e outras regiões produtoras, principalmente o salada A, que foi vendido a menos de R\$5,00/cx no início do ano – bem abaixo dos custos de colheita. Nessa época a origem do produto de Santa Catarina chega a 98%, tendo como grandes fornecedores municípios da região, como Águas Mornas, Angelina, Rancho Queimado, Santo Amaro e Anitápolis. Urubici também se destaca como fornecedor do produto para a Central. Com o avanço da colheita no Sul do Brasil, é prevista uma maior oferta do produto no mercado, o que poderá segurar os preços no início do ano, fato que aconteceu no primeiro mês do ano, quando o tomate foi fortemente desvalorizado, chegando ao menor patamar dos últimos dois anos, R\$0,80/kg em janeiro 2017.



Fonte Ceasa, Epagri/Cepa.

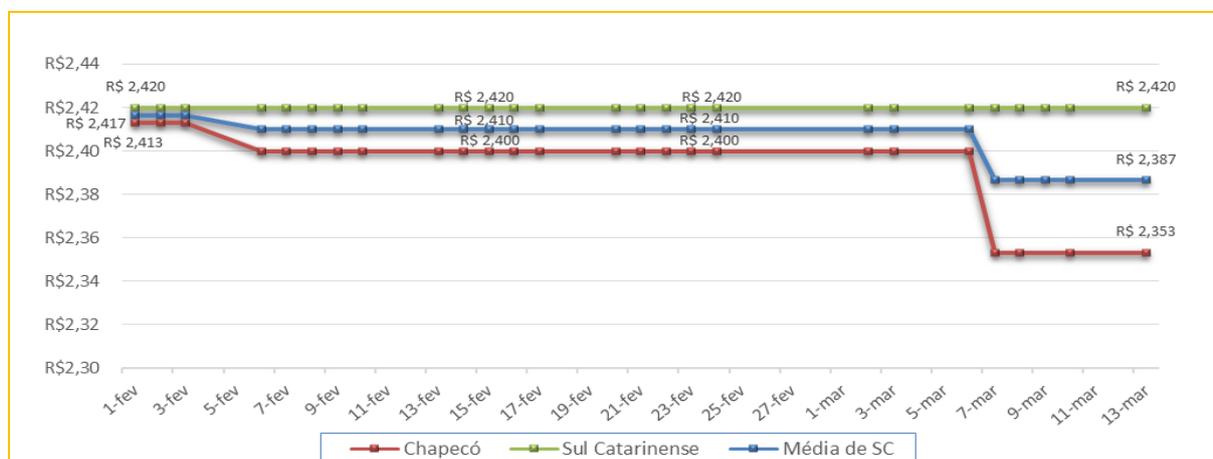
**Evolução mensal do preço médio ponderado por quilo do tomate na Ceasa/SC - Unidade de São José - 2015-2017**

## Pecuária

### Avicultura

Alexandre Luís Giehl  
 Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa  
[alexandregiehl@epagri.sc.gov.br](mailto:alexandregiehl@epagri.sc.gov.br)

O preço médio estadual do frango vivo manteve-se estável durante todo o mês de fevereiro, com exceção de uma pequena variação (-0,27%) no início da segunda semana decorrente da queda de 0,54% no preço de Chapecó. A praça de Chapecó registrou nova queda em março, dessa vez um pouco mais significativa (-1,95%). No período em questão não foi observada nenhuma variação de preço no Sul Catarinense. O preço médio estadual de 13 de março (última data de coleta utilizada neste boletim) encontrava-se 1,24% abaixo do praticado no início de fevereiro. Em Chapecó essa diferença era de -2,48%.



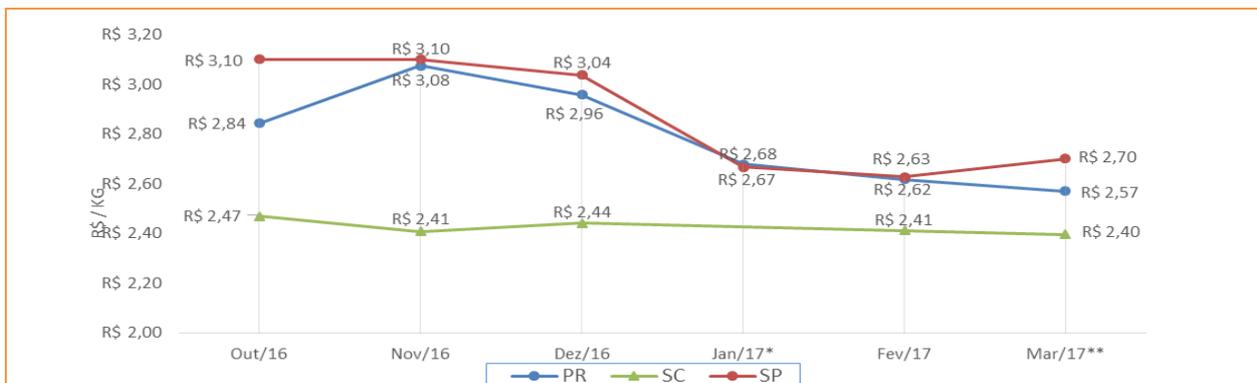
<sup>(1)</sup>Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Frango vivo – Preço médio nominal<sup>(1)</sup> diário para avicultores de duas regiões de Santa Catarina e média estadual – 2/fev. a 13/mar./2017**

O próximo gráfico apresenta a comparação entre os preços médios do frango vivo pagos ao produtor nos seis últimos meses em três importantes estados produtores (Paraná, Santa Catarina e São Paulo). Conforme é possível perceber, houve oscilações significativas em São Paulo e no Paraná, enquanto em Santa Catarina os preços mantiveram um comportamento relativamente estável. Contudo, enquanto em Santa Catarina e Paraná o preço preliminar de março ainda registra índices de variação negativos, em São Paulo observa-se reversão desse movimento. É necessário ressaltar que essa mudança de comportamento já era registrada na segunda semana de fevereiro, quando já haviam sido registrados aumentos de preço em São Paulo. Em meados de fevereiro o frango vivo naquele Estado chegou a atingir R\$2,75/kg, mas recuou a R\$2,70 e até o momento mantém-se nesse valor.

Em relação a fevereiro, o preço médio de março (preliminar) apresenta variação de -1,84% no Paraná, -0,60% em Santa Catarina e 2,75% em São Paulo. Na comparação com março de 2016, os três estados apresentam defasagens: -1,54% no Paraná, -1,49% em Santa Catarina e -3,57% em São Paulo. Contudo, é em relação a dezembro de 2016, momento em que o frango atingiu os melhores preços do ano passado, que surgem as maiores diferenças: -13,11% no Paraná, -11,13% em São Paulo e -1,80% em Santa Catarina.



(<sup>1</sup>) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

\* Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/17 em Santa Catarina.

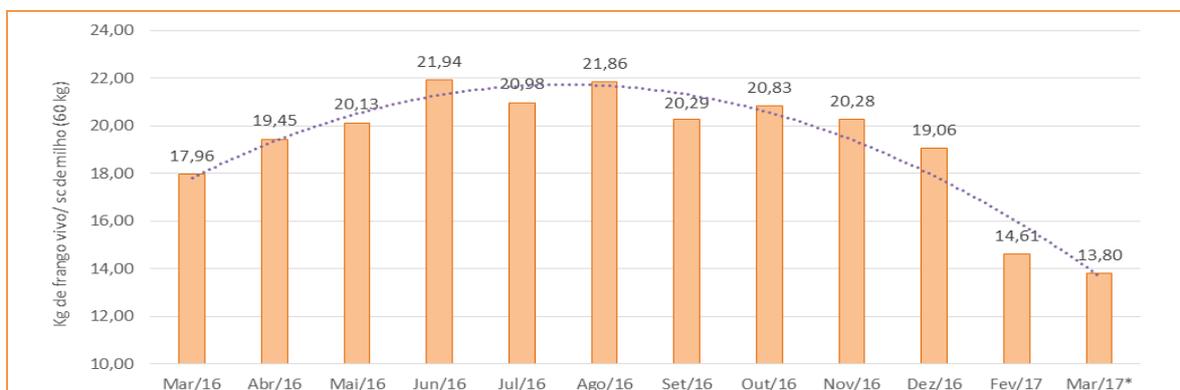
\*\* Os dados do mês de março são preliminares, relativos ao período de 2 a 13/mar./2017.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

**Frango vivo – Preço médio nominal<sup>(1)</sup> mensal para avicultores em Santa Catarina, São Paulo e Paraná – 2016/2017**

Apesar da queda no preço do frango vivo na maioria dos estados, produtores e agroindústrias têm comemorado a redução nos custos de produção, principalmente em função das constantes quedas no preço do milho. De acordo com o índice de custos de produção calculado pela Embrapa Suínos e Aves, em fevereiro o ICPFrango foi 3,22% menor que no mês anterior. Nos últimos 12 meses a variação foi de -12,99%.

Movimentos significativos de queda também têm sido observados na relação de troca insumo/produto calculada pela Epagri/Cepa. Em março o índice atingiu o valor de 13,80 (preliminar), o que representa uma queda de 5,53% em relação a fevereiro e de 23,16% na comparação com março de 2016. Esse é o menor valor atingido pelo índice desde julho de 2015.



Para cálculo da relação de troca insumo/produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC.

\* Os dados do mês de março são preliminares, relativos ao período de 2 a 13/mar./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2016/2017**

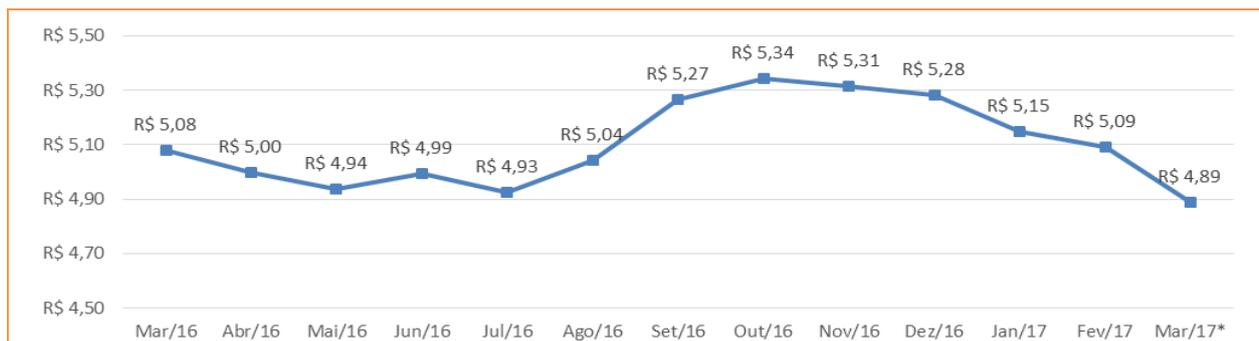
Levando em consideração que o preço do frango vivo tem se mantido estável nos últimos meses, percebe-se que o fator responsável pelo acentuado movimento de queda na relação de troca é essencialmente o preço do milho, que registrou variação de -6,10% entre fevereiro e março. Em relação a março de 2016, a diferença é de -24,84%. Quando comparado ao mesmo mês de 2015, o preço atual é 13,73% superior.

As estimativas apontam que a atual safra de grãos deve atingir patamares bastante significativos, o que indica que o movimento de queda nos preços deve continuar. Conforme o 6º Relatório de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2016/17, elaborado pela Conab, a 1ª safra na temporada 2016/17 deverá ter uma produção de 29,3 milhões de toneladas, o que representa um incremento de 13,33% em relação ao ano anterior. As condições climáticas favoreceram o desenvolvimento da cultura e têm garantido produtividades médias dentro do esperado ou mesmo acima das expectativas iniciais. Já em relação à 2ª safra brasileira, as estimativas preliminares indicam que a produção deve atingir 59,7 milhões de toneladas, um aumento de 46,69%. A produção total deve ser de 88,97 milhões de toneladas de milho (aumento de 33,69% em relação à safra 2015/16).

Com as boas perspectivas da safra de grãos, as preocupações do setor voltam-se para a demanda de carnes no mercado interno. O consumo segue enfraquecido, principalmente em função da crise que atinge a economia do País e das incertezas em relação ao cenário econômico e político. No início de março o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou a taxa de variação do Produto Interno Bruto (PIB) em 2016, que foi de -3,6%. Esse resultado foi pior do que estimava grande parte dos especialistas da área de economia. Em relação à demanda agregada, o consumo das famílias diminuiu 4,2% em 2016, após cair 4% um ano antes. Tais números ajudam a explicar as dificuldades enfrentadas pelo setor de carnes.

Nesse cenário, mesmo os aumentos nos preços do frango vivo (registrados no final de 2016) são atribuídos mais às restrições na oferta do que ao aumento da demanda. Segundo alguns analistas de mercado, a elevação registrada em São Paulo no mês de março também se explicaria por conta desse fenômeno.

No que diz respeito ao mercado atacadista em Santa Catarina, os dados da Epagri/Cepa demonstram que três dos quatro cortes de frango monitorados pelo órgão apresentaram queda no preço preliminar de março em relação a fevereiro. A maior variação foi observada no preço médio estadual do frango congelado, que caiu 3,98%. O preço atual também está 3,79% menor que aquele praticado em março de 2016. O único corte que apresentou alta foi o filé de peito congelado, com variação de 1,38% entre fevereiro e março.



\* Os dados do mês de março são preliminares, relativos ao período de 2 a 13/mar./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Frango congelado – Preço médio mensal estadual em Santa Catarina – Mar./16 a Mar./17**

Segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), em fevereiro o Brasil exportou 325,4 mil toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada), o que significa uma queda de 8,37% em relação a janeiro. Contudo, quando comparados a fevereiro de 2016, os números atuais representam um aumento de 3,44%.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

**Exportações de carne de frango – Brasil – Set./16 a Fev./17**

Quanto às receitas, em fevereiro atingiu-se o montante de US\$559 milhões, uma queda de 5,69% em relação a janeiro. Mas na comparação com fevereiro do ano anterior os valores atuais representam um incremento de 23,95%. Destaca-se que, somando os valores exportados em janeiro e fevereiro, obtém-se o melhor resultado para o primeiro bimestre em quatro anos. O valor médio da tonelada exportada em fevereiro foi de US\$1.717,91, enquanto um ano antes a tonelada era vendida a US\$1.433,62. Os principais destinos da carne de frango brasileira em fevereiro foram a Arábia Saudita, o Japão e a China, que juntos responderam por 40,8% das receitas do País com esse produto. Estimativas preliminares apontam que, de acordo com o ritmo das exportações nas duas primeiras semanas de março, é possível que se registre uma redução de até 5% em termos de volume na comparação com o mesmo mês de 2016. Santa Catarina também apresentou quedas em relação ao mês passado. Em fevereiro o Estado exportou 67,62 mil toneladas de carne de frango, o que representa queda de 16,38% em relação a janeiro. Na comparação com o mesmo mês de 2016, a queda é de 9,51%.



Fonte: MDIC/Aliceweb

**Exportações de carne de frango – Santa Catarina – Set/16 a Fev./17**

Em relação às receitas, as exportações catarinenses de frango geraram US\$124,3 milhões, o que representa uma queda de 14,65% em relação a janeiro, mas um aumento de 6,89% na comparação com o mesmo mês de 2016. Os principais destinos da carne catarinense foram o Japão, a China, a Arábia Saudita e os Países Baixos, os quais, juntos, responderam por 45,47% das exportações do Estado.

**Principais destinos das exportações de carne de frango – Santa Catarina – Fevereiro/2017**

País	Valor (US\$)	Qtidade (t)
Japão	22.581.853,00	11.264
China	13.11.692,00	7.155
Países Baixos	10.736.546,00	5.909
Arábia Saudita	10.080.091,00	4.402
Alemanha	6.404.562,00	2.666
Demais países	61.357.625,00	36.221
<b>Total</b>	<b>124.272.369,00</b>	<b>67.618</b>

Fonte: MDIC/Aliceweb.

Chama-se a atenção para o fato de que, em relação ao mês anterior, houve uma redução na quantidade de carne de frango comprada pela China, embora os montantes ainda estejam bem superiores ao mesmo período do ano passado. Segundo analistas do Rabobank, os recentes casos de influenza aviária em humanos registrados na China reduziram o consumo de carne de frango naquele país, o que poderá afetar as exportações brasileiras para os chineses no curto prazo. Ainda em relação à influenza aviária, recentemente o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) anunciou o lançamento de nova Instrução Normativa que visa aumentar o rigor na prevenção a essa doença. Entre as medidas previstas está a exigência de colocação de telas em galpões de aves poedeiras, o que antes só era exigido para aves de corte. Por fim, destaca-se que em meados de março uma missão veterinária de Singapura inspecionou plantas frigoríficas em Santa Catarina e no Mato Grosso do Sul, além de propriedades e unidades do serviço veterinário oficial brasileiro. O objetivo da missão foi avaliar o serviço veterinário oficial do Brasil para a manutenção das exportações de carnes de aves, suínos e bovinos do Brasil àquele país.

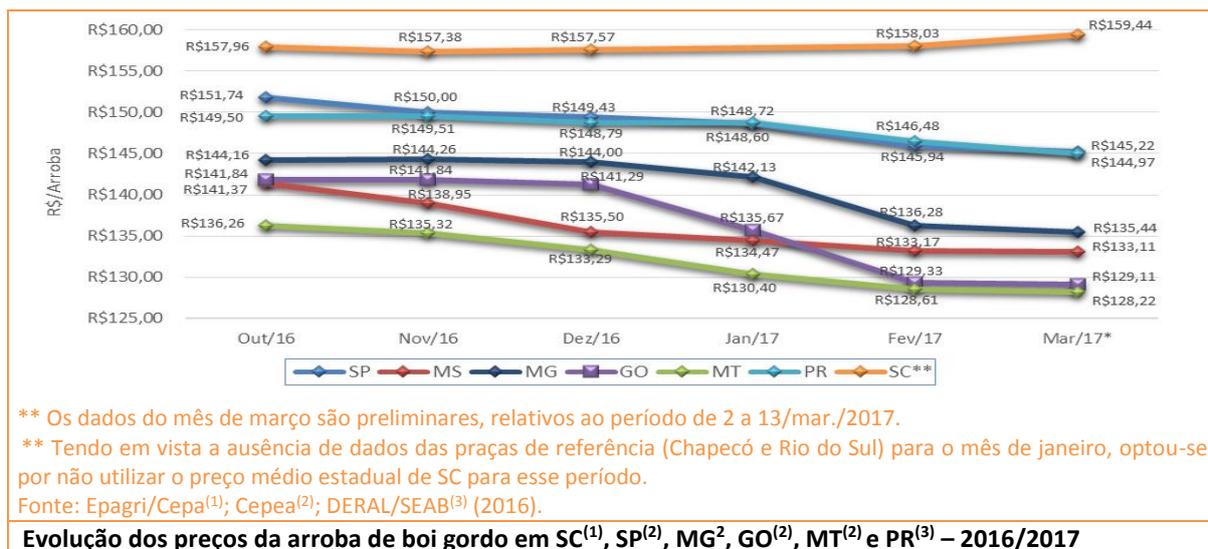
## Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl  
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa  
[alexandregiehl@epagri.sc.gov.br](mailto:alexandregiehl@epagri.sc.gov.br)

O mês de março iniciou sem grandes mudanças no mercado catarinense do boi gordo. As duas praças de referência, Chapecó e Rio do Sul, não apresentaram nenhuma variação em relação ao mês anterior. Quando comparados a março de 2016, os preços atuais apresentam aumento de 0,02% e 3,19% para Chapecó e Rio do Sul, respectivamente. Já a média estadual variou 0,89% entre fevereiro e março, em decorrência de aumentos observados nas praças de Joaçaba e do Sul Catarinense.

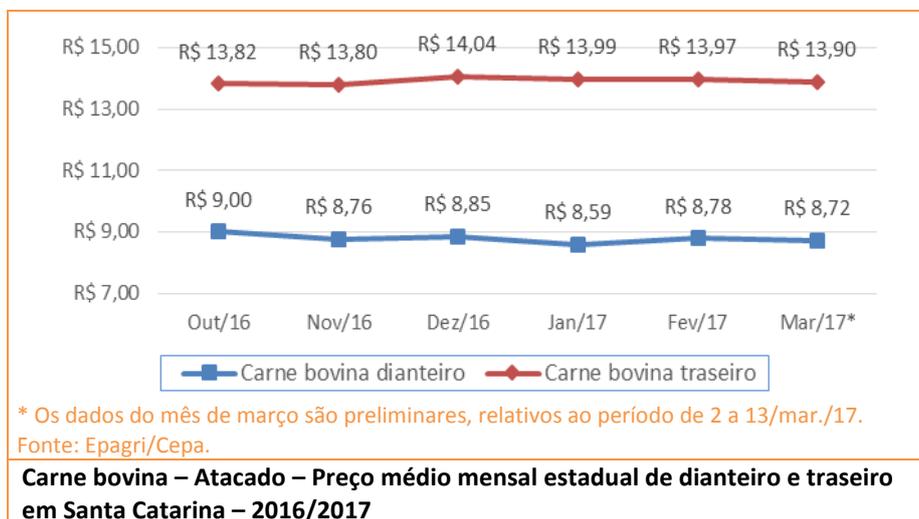


De forma semelhante à que ocorreu em fevereiro, apesar da relativa estagnação nos preços em Santa Catarina, a situação dos produtores catarinenses é um pouco mais favorável do que nos demais estados analisados neste boletim. Com exceção de Santa Catarina, todos os demais estados apresentaram variações negativas de preços entre fevereiro e março, ainda que pouco expressivas. A maior queda ocorreu no Paraná, com -1,03%. Em seguida encontram-se Minas Gerais (-0,61%), São Paulo (-0,49%), Mato Grosso (-0,30%), Goiás (-0,17%) e Mato Grosso do Sul (-0,04%). Como já citado anteriormente, o preço médio estadual de Santa Catarina apresentou variação de 0,89% na primeira quinzena de março. Em relação a março de 2016, a defasagem dos preços atuais é ainda maior: -7,48% em Goiás, -5,59% em São Paulo, -5,37% em Mato Grosso, -5,01% em Minas Gerais, -4,36% no Paraná e -3,64% em Mato Grosso do Sul. Mais uma vez, o único estado que apresentou variação positiva no período foi Santa Catarina, com aumento de 3,21% no preço médio estadual. Há que se ressaltar que as diferenças supracitadas são em relação aos preços nominais nos dois períodos em questão. Contudo, entre março de 2016 e fevereiro de 2017, a inflação calculada pelo INPC foi de 4,69%, o que significa que as defasagens reais são superiores àquelas mencionadas.



**Evolução dos preços da arroba de boi gordo em SC<sup>(1)</sup>, SP<sup>(2)</sup>, MG<sup>(2)</sup>, GO<sup>(2)</sup>, MT<sup>(2)</sup> e PR<sup>(3)</sup> – 2016/2017**

Conforme já foi mencionado em outras ocasiões, as dificuldades enfrentadas pelo mercado do boi gordo iniciaram-se em meados de 2015 e tornaram-se mais acentuadas durante o ano de 2016. Tal situação é resultado principalmente do consumo doméstico enfraquecido, em decorrência das dificuldades enfrentadas pela economia brasileira nos últimos dois anos. Recentemente o IBGE divulgou a taxa de variação do Produto Interno Bruto (PIB) em 2016, que foi de -3,6%. Esse resultado foi pior do que estimava grande parte dos analistas de mercado. O consumo das famílias também apresentou números negativos em 2016: -4,2%, após já haver caído 4% no ano anterior. As baixas nos preços do boi gordo só não têm sido mais significativas em função da reduzida oferta de animais para abate, pois muitos produtores continuam optando por segurar os animais no pasto o maior tempo possível, com a expectativa de que haja uma reação nos preços.



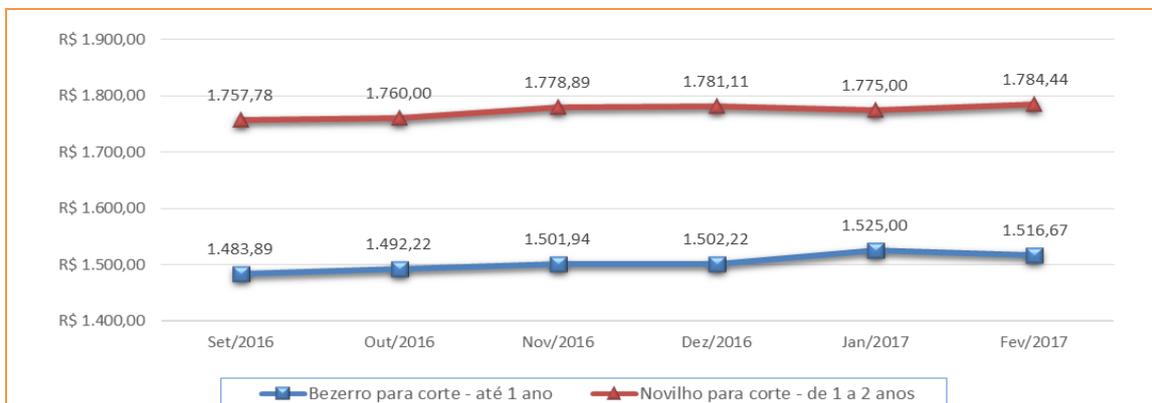
**Carne bovina – Atacado – Preço médio mensal estadual de dianteiro e traseiro em Santa Catarina – 2016/2017**

No que diz respeito ao mercado atacadista, os dados da Epagri/Cepa demonstram que em Santa Catarina tanto os cortes dianteiros quanto os traseiros registraram quedas entre fevereiro e março (preço preliminar, referente ao período de 2 a 13 de março). No caso do dianteiro, a queda foi de 0,69%, enquanto o traseiro sofreu redução de 0,50%. Nos últimos meses têm sido comum quedas de preço da

carne de traseiro, uma vez que o consumidor tem buscado cortes mais baratos (dianteiro). Contudo, vimos neste mês que ambos sofreram reduções, embora pouco significativas.

Os preços dos animais de reposição, por sua vez, novamente apresentaram comportamentos distintos entre as duas categorias. O preço do bezerro até 1 ano para corte sofreu redução de 0,55% em relação a janeiro, enquanto o novilho de 1 a 2 anos para corte registrou pequeno aumento de 0,53%. Em janeiro as variações haviam sido inversas (o preço do bezerro aumentou e do novilho diminuiu). Em relação aos

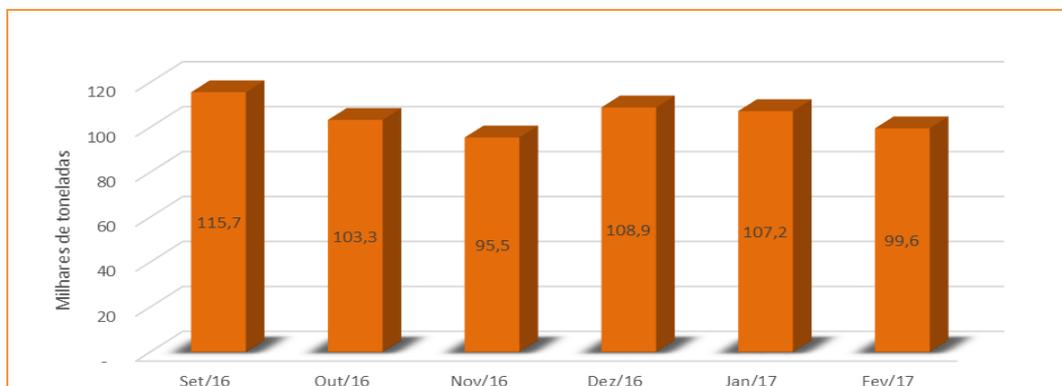
preços de fevereiro de 2016, observa-se um aumento de 12,83% no caso do bezerro e de 10,09% para o novilho. No mesmo período os preços do boi gordo em Santa Catarina sofreram variação de apenas 2,10%.



Fonte: Epagri/Cepa.

**Evolução dos preços de bezerro e novilho para corte em SC – Preço médio estadual – Set./16 a Fev./17**

De acordo com algumas publicações especializadas, nos demais estados os preços dos animais de reposição têm permanecido estáveis ou registrado algumas oscilações negativas durante os últimos meses em função da cautela dos pecuaristas em realizar investimentos mais significativos. Conforme nota divulgada pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), o abate de fêmeas aumentou no mês de fevereiro. A instituição aponta que a maior participação das fêmeas no abate total ocorre geralmente em anos de queda no preço do bezerro e da arroba, cenário que vem sendo verificado no início de 2017. Esse aumento no abate de vacas também tem relação com o fim do período reprodutivo, quando se descartam muitas fêmeas que não ficaram prenhas. Ainda de acordo com os pesquisadores do Cepea, o aumento no abate de fêmeas neste momento poderá reduzir a oferta de bezerras a partir de 2018, com conseqüente diminuição na oferta de boi gordo para abate no ano seguinte e redução da oferta de carne ao consumidor. As exportações de carne bovina, que em 2016 já haviam registrado desempenho inferior a 2015, seguem apresentando números negativos nesse começo de 2017. De acordo com o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em fevereiro o Brasil exportou 99,6 mil toneladas de carne bovina (*in natura*, industrializada e miúdos). Esse montante representa uma queda de 7,12% em relação a janeiro e de 18,86% na comparação com fevereiro de 2016. Em termos de receitas, em fevereiro foram exportados US\$395,1 milhões, queda de 5,46% em relação a janeiro e de 16,94% na comparação com fevereiro de 2016.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

**Exportações de carne bovina – Brasil – Set./16 a Fev./17**

Hong Kong e China seguem como os principais destinos da carne bovina brasileira. Os dois juntos foram responsáveis por mais de 34,18% das receitas geradas com esse produto em fevereiro. No mês em questão, merece destaque a ascensão dos Estados Unidos no ranking, ocupando a 5ª colocação em termos de receitas.

**Principais destinos das exportações de carne bovina – Brasil – Fevereiro/2017**

<b>País</b>	<b>Valor (US\$)</b>	<b>Qtidade (t)</b>
Hong Kong	72.431.237,00	19.642
China	62.629.670,00	15.100
Irã	40.030.292,00	10.314
Rússia	36.830.818,00	11.899
Estados Unidos	20.248.811,00	2.831
Demais países	162.932.539,00	39.816
<b>Total</b>	<b>395.103.367,00</b>	<b>99.602</b>

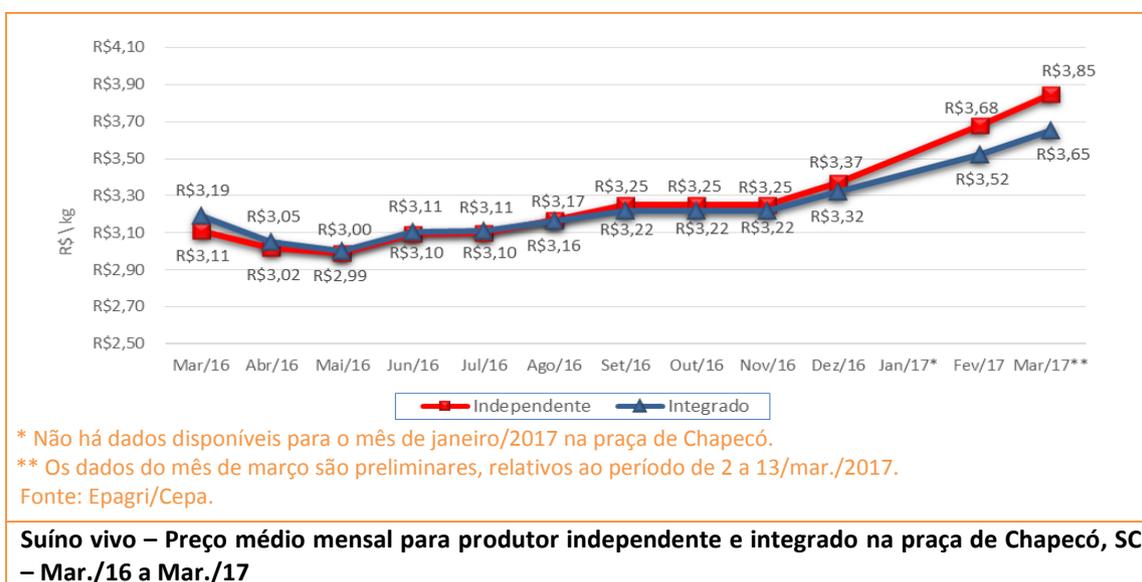
Fonte: MDIC/Aliceweb.

Embora a China tenha elevado suas compras 66% em relação ao mês anterior, isso não foi o suficiente para compensar a queda registrada nas vendas para outros países, como Alemanha, Itália, Reino Unido, Holanda, Egito e mesmo Hong Kong. As exportações brasileiras de carne bovina no primeiro semestre somaram 206,8 mil toneladas, 5,97% menores do que no mesmo período do ano passado. As receitas, por sua vez, totalizaram US\$ 813 milhões, redução de 3,52%. Entre os 177 países com os quais o Brasil comercializa o produto, 65 reduziram suas compras nos primeiros meses deste ano. Apesar dos resultados ruins nos últimos dois meses, entidades ligadas ao setor esperam uma recuperação nos próximos meses, de forma que pelo menos se atinjam os mesmos níveis de embarques do ano passado. Estimativas preliminares de entidades do setor apontam que, de acordo com os números das duas primeiras semanas de março, as exportações deste mês devem registrar um pequeno aumento de aproximadamente 1% em termos de volume, na comparação com o mesmo mês de 2016.

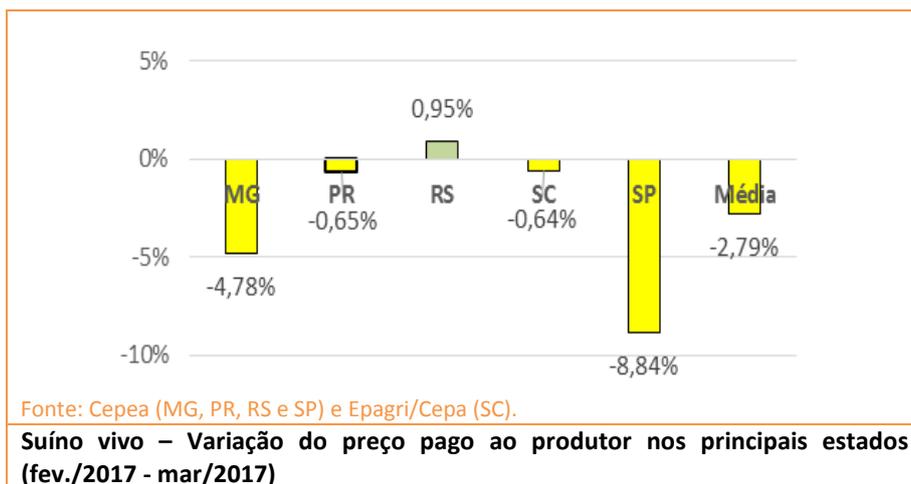
## Suinocultura

Alexandre Luís Giehl  
 Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa  
[alexandregiehl@epagri.sc.gov.br](mailto:alexandregiehl@epagri.sc.gov.br)

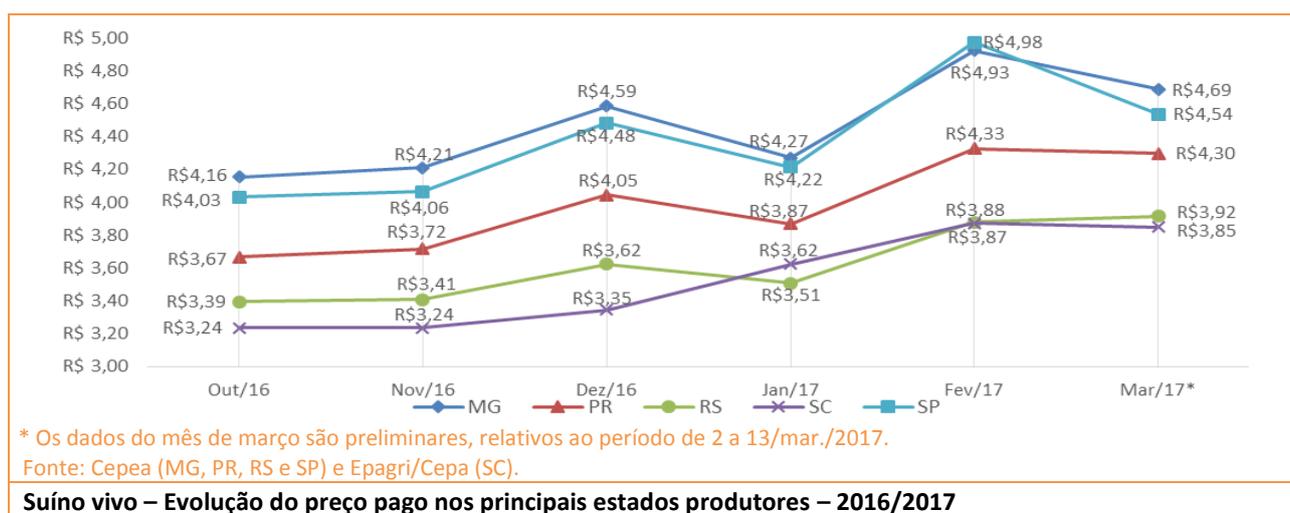
Os valores preliminares de março (referentes ao período de 2 a 13 deste mês) demonstram que se mantém o movimento de alta nos preços ao produtor do suíno vivo em Chapecó, tendência que já vem sendo observada desde dezembro do ano passado. Em relação a fevereiro, os preços de março apresentam aumento de 4,62% para o produtor independente e de 3,69% para o integrado. Na comparação com março de 2016, as diferenças são mais significativas: variação de 23,79% para os produtores independentes e 14,42% para os integrados.



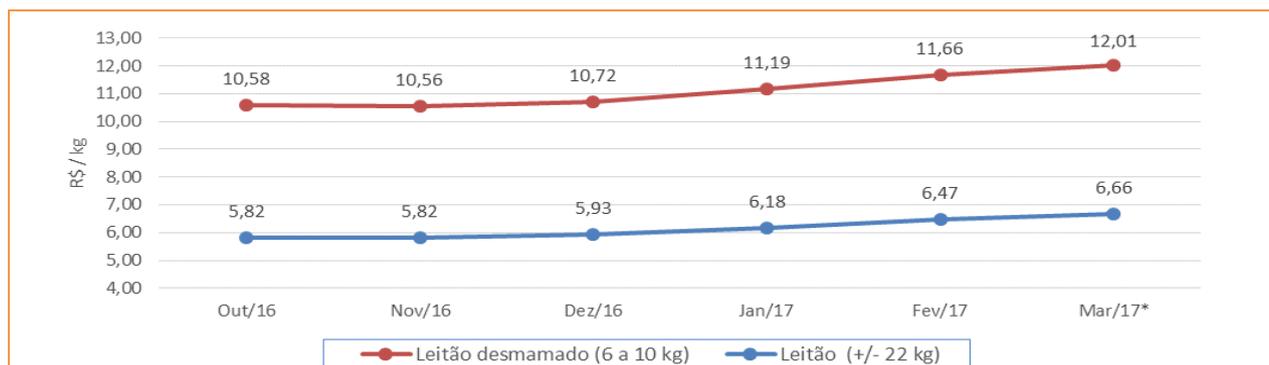
Em fevereiro deste ano os preços do suíno vivo atingiram os maiores valores nominais desde outubro de 2014 em praticamente todas as regiões produtoras. Contudo, após esse viés de alta, em março os preços começaram novamente a ceder, apresentando recuos na maioria dos estados. A maior variação aconteceu em São Paulo, onde se observa uma queda de 8,84% no preço médio estadual de março (preliminar, referente ao período de 2 a 13/mar) em relação a fevereiro. Minas Gerais registrou queda de 4,78%. Ressalta-se que São Paulo e Minas Gerais foram os estados que registraram os maiores aumentos em fevereiro. Paraná e Santa Catarina registram variações pequenas: -0,65% e -0,64%, respectivamente. Como foi visto anteriormente, a praça de referência do suíno vivo em Santa Catarina (Chapecó) registrou variações positivas para as duas categorias de produtores (integrados e independentes). Entretanto, as oscilações negativas em algumas praças (em especial no Sul Catarinense) fizeram com que a média estadual ficasse negativa. O único estado que registrou variação positiva na primeira quinzena de março foi o Rio Grande do Sul, com 0,95%.



Contudo, na comparação com os preços praticados em março de 2016, o cenário atual ainda é bastante favorável, com variações positivas em todos os estados analisados: 46,15% no Paraná, 35,35% em Minas Gerais, 34,71% em São Paulo, 32,30% no Rio Grande do Sul e 22,17% em Santa Catarina. A inflação acumulada no período foi de 4,69% (INPC).



De acordo com nota divulgada pelo Cepea, a queda nos preços de março na maioria dos estados deve estar relacionada à baixa demanda por parte dos frigoríficos, em especial os exportadores. Ainda segundo pesquisadores daquela instituição, a procura reduzida por parte desses frigoríficos pode estar atrelada à fraca demanda externa e interna pela carne suína. Com os aumentos no preço do suíno vivo nos últimos meses, também tem sido identificado fenômeno semelhante nos preços dos leitões. Em relação a fevereiro, as médias preliminares de março variaram 2,97% para os leitões de 6 a 10kg e 2,88% para os leitões de +/-22kg. A variação acumulada no ano é de 11,56% para os leitões de 6 a 10kg e 11,72% para os leitões de +/-22kg. Na comparação com março de 2016, os valores atuais representam um aumento de 17,27% e 17,41% para os leitões de 6 a 10kg e de +/-22kg, respectivamente.

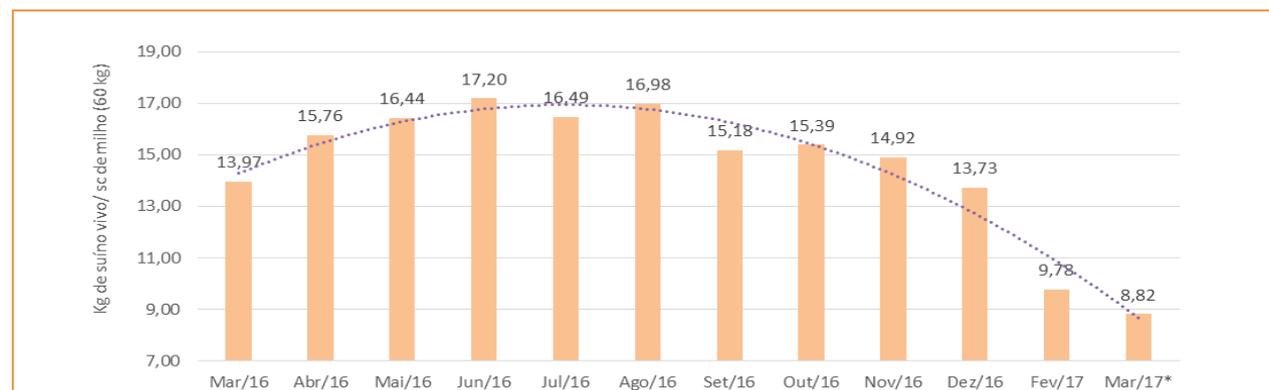


\* Os dados do mês de março são preliminares, relativos ao período de 2 a 13/mar./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Leitão – Preço médio mensal do leiteiro por categoria em Santa Catarina – 2016/2017**

Contrastando com os constantes aumentos do preço ao produtor, registra-se uma tendência de queda nos custos de produção nos últimos meses. O índice de custos de produção de suínos (ICPSuíno) calculado pela Embrapa Suínos e Aves, por exemplo, registrou queda de 4,78% em fevereiro. Neste ano a queda já é de 8,5%, puxada principalmente pela redução nos custos com ração (variação de -9,69% no ano). A relação de troca insumo/produto calculada pela Epagri/Cepa também evidencia as mudanças que têm ocorrido no setor nos últimos 12 meses.



Para o cálculo da relação de troca insumo/produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. Já para o milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC.

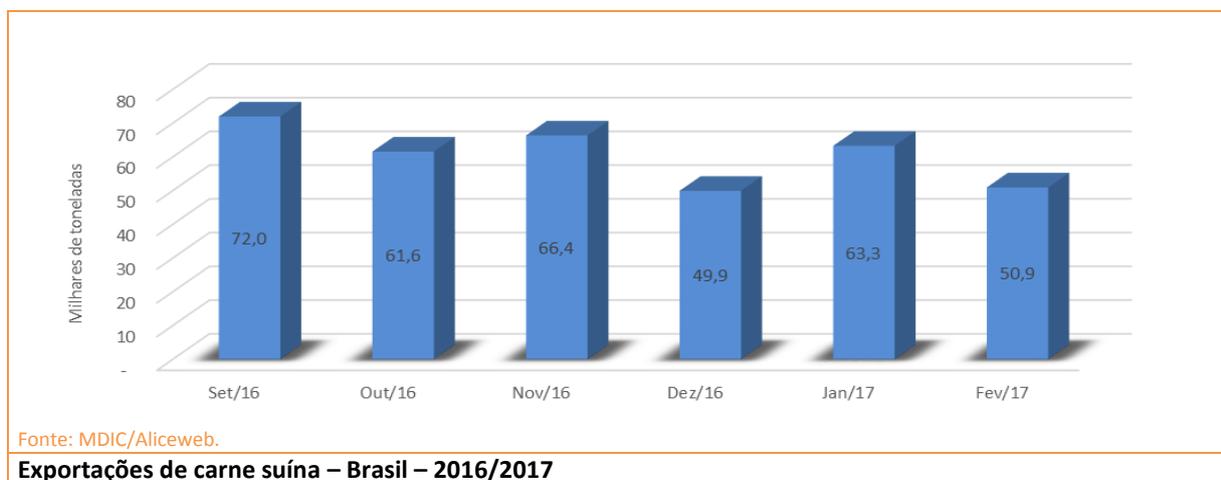
\* Os dados do mês de março são preliminares, relativos ao período de 2 a 13/mar./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

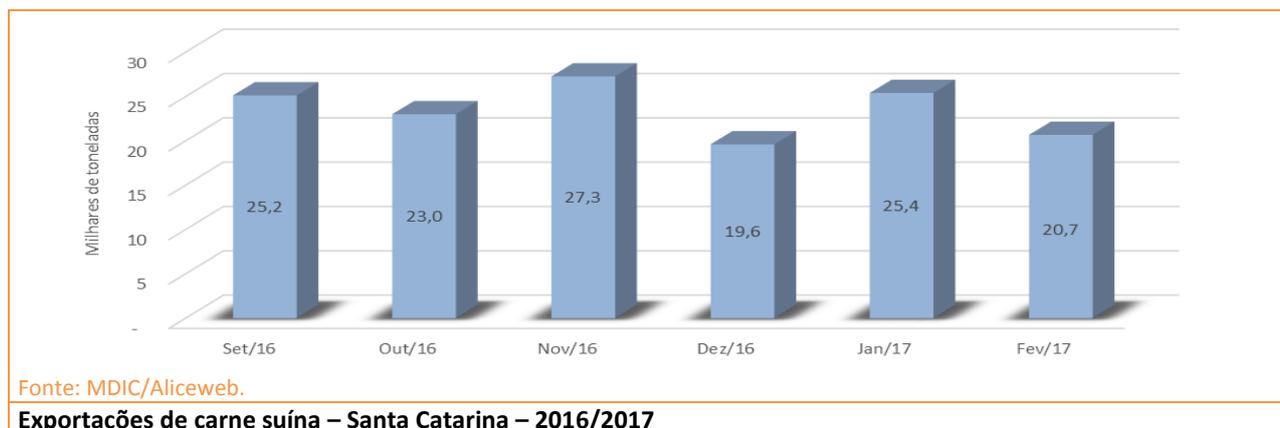
**Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg) – Praça de Chapecó, SC – 2016/2017**

Em março o índice atingiu o valor de 8,82 (dados preliminares), o que representa uma redução de 9,86% em relação a fevereiro e de 36,86% na comparação com março de 2016. Embora ainda sejam dados preliminares, esse é o menor valor atingido pelo índice desde junho de 2015. Tendo em vista que no cálculo do índice são levados em consideração os valores do milho e do suíno vivo em Chapecó, praça de referência para ambos os produtos, essa variação negativa pode ser atribuída tanto à redução no preço do milho quanto ao aumento do suíno vivo. O preço médio do milho no atacado na primeira quinzena de março em Chapecó foi de R\$33,07. Esse valor é 6,10% menor que o mês anterior e 24,84% menor que o preço praticado em março de 2016. Na comparação com os preços de dois anos atrás, o valor atual é 16,49% superior. Conforme já relatado anteriormente neste boletim, no artigo que trata da avicultura, as estimativas apontam que a atual safra de grãos deve atingir patamares bastante significativos, o que indica que o movimento de queda nos preços do milho deve continuar. Conforme o 6º Relatório de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2016/17, elaborado pela Conab, a 1ª safra deverá ter uma produção de 29,3 milhões de toneladas, o que representa um incremento de 13,33% em relação ao ano

anterior. As condições climáticas favoreceram o desenvolvimento da cultura e têm garantido produtividades médias dentro do esperado ou mesmo acima das expectativas iniciais. Já em relação à 2ª safra, as estimativas preliminares indicam que a produção deve atingir 59,7 milhões de toneladas, um aumento de 46,69%. A produção total deve ser de 88,97 milhões de toneladas (aumento de 33,69% em relação à safra 2015/16). Contudo, se os custos de produção diminuem mês a mês, a situação não é tão confortável com relação ao consumo de carnes do mercado interno. A demanda permanece enfraquecida, especialmente em razão da situação econômica do País e das incertezas que se colocam no horizonte. Recentemente o IBGE divulgou a taxa de variação do Produto Interno Bruto (PIB) em 2016, que foi de -3,6%. Esse resultado foi pior do que estimava grande parte dos analistas. Em relação à demanda agregada, o consumo das famílias diminuiu 4,2% em 2016, após já haver caído 4% no ano anterior. Tais números ajudam a explicar as dificuldades enfrentadas pelo setor de carnes. Diante de um cenário ruim no mercado interno, as expectativas do setor para este ano seguem fortemente baseadas no mercado externo. Após resultados muito positivos em janeiro, atingindo-se inclusive um volume de exportação recorde para o mês, os dados de fevereiro demonstram que as exportações brasileiras de carne suína apresentaram recuos. Conforme o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em fevereiro o País exportou 50,9 mil toneladas de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), o que significou uma queda de 19,50% em relação a janeiro e de 0,58% na comparação com fevereiro do ano anterior. Há que se ressaltar que é natural que haja alguma redução em fevereiro, tendo em vista que o mês possui apenas 28 dias. Já em termos de receitas, embora os US\$112,7 milhões exportados em fevereiro representem uma redução de 18,31% em relação ao mês anterior, na comparação com fevereiro de 2016 há um incremento de 32,07%. O valor médio da tonelada exportada passou de US\$1.664,88 em fevereiro de 2016 para US\$2.211,54 no mesmo mês deste ano.



Somando-se os valores de janeiro e fevereiro, observa-se que o primeiro bimestre apresenta números positivos em relação ao mesmo período do ano anterior: aumento de 17,04% na quantidade e 52,63% nas receitas. Os cinco principais destinos da carne suína brasileira em janeiro foram Rússia, Hong Kong, China, Argentina e Cingapura, que juntos foram responsáveis por mais de 82,7% das receitas com esse produto. Em Santa Catarina, embora também tenha sido observada queda na exportação de carne suína em relação a janeiro, na comparação com fevereiro de 2016 os números são positivos. O Estado exportou 20,7 mil toneladas em fevereiro, queda de 18,59% em relação ao mês anterior e incremento de 17,13% na comparação com o mesmo período de 2016. Quanto às receitas, atingiu-se o montante de US\$45,68 milhões, queda de 16,86% em relação a janeiro. Contudo, na comparação com fevereiro de 2016 observa-se um aumento de 57,52%. O primeiro bimestre deste ano registra aumento de 33,27% na quantidade de carne suína exportada e 74,61% nas receitas em relação ao mesmo período do ano passado.



Os cinco principais destinos da carne suína de Santa Catarina foram Rússia, China, Hong Kong, Chile e Argentina, que juntos responderam por 84,75% das exportações do Estado. Mais uma vez chama-se a atenção para a China que, em relação a janeiro de 2016, ampliou suas compras do Estado em quase 900% (em termos financeiros).

Principais destinos das exportações de carne suína – Santa Catarina – Fevereiro de 2017		
País	Valor (US\$)	Qtidade (t)
Rússia	18.603.064,00	7.783
China	8.343.965,00	4.010
Hong Kong	4.930.874,00	2.567
Chile	3.942.434,00	1.782
Argentina	2.897.338,00	932
Demais países	6.965.029,00	3.628
<b>Total</b>	<b>45.682.704,00</b>	<b>20.702</b>

Fonte: MDIC/Aliceweb.

No que diz respeito ao mercado atacadista, os dados da Epagri/Cepa demonstram que entre fevereiro e março todos os cinco cortes cujos preços são monitorados pela instituição tiveram variações positivas.

Carne suína – Preços médio estadual no atacado - Santa Catarina – 2017			
Produto	Janeiro/17	Fevereiro/17	Março/17*
Carré (sem couro)	7,58	8,67	8,77
Costela (sem couro)	13,80	13,64	13,92
Lombo	11,99	11,88	12,06
Carcaça	6,50	7,00	7,24
Pernil (com osso e sem couro)	6,90	7,87	8,07

Fonte: Epagri/Cepa.  
\* Preços preliminares, referentes ao período de 2 a 13/mar./17.

A variação mais significativa ocorreu no preço da carcaça, que registrou aumento de 3,46% no período. Na comparação com março do ano anterior, os preços atuais encontram-se 18,46% superiores. O aumento é explicado pela menor disponibilidade de carne suína no mercado, seja pela diminuição na produção (muitos produtores e empresas reduziram seus plantéis em função do aumento nos custos de produção e

da dificuldade de obtenção de milho para ração), seja pelo aumento das exportações do produto, que ainda se encontram em patamares elevados.



## Leite

Tabajara Marcondes  
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa  
[tabajara@epagri.sc.gov.br](mailto:tabajara@epagri.sc.gov.br)

As últimas reuniões do Conseleite/SC têm sido caracterizadas pela recuperação nos preços de referência aos produtores catarinenses. Depois da redução de 35,5% do histórico preço de referência de julho (R\$1,5500/l) para o de novembro (R\$ 0,9993/l), a partir da reunião do mês de dezembro tem havido uma trajetória de crescimento e o preço de referência projetado para março (R\$ 1,1283/l), embora ainda longe dos valores alcançados entre junho e agosto de 2016, já ficou próximo ao valor médio de 2016 (R\$1,1408/l).

**Leite padrão - Preços de referência do Conseleite de Santa Catarina - 2015-17**

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso			Var. %	
	2015	2016	2017	2016/15	2017/16
Janeiro	0,7744	0,9546	1,0783	23,3	13,0
Fevereiro	0,7866	1,0154	1,1096	29,1	9,3
Março	0,8614	1,0652	1,1283	23,7	5,9
Abril	0,8843	1,1166		26,3	
Maiο	0,8875	1,1430		28,8	
Junho	0,9347	1,3363		43,0	
Julho	0,9278	1,5500		67,1	
Agosto	0,9131	1,3248		45,1	
Setembro	0,8978	1,1051		23,1	
Outubro	0,9024	1,0461		15,9	
Novembro	0,9308	0,9993		7,4	
Dezembro	0,9387	1,0333		10,1	
<b>Média</b>	<b>0,8866</b>	<b>1,1408</b>		<b>28,7</b>	

(\*) Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC

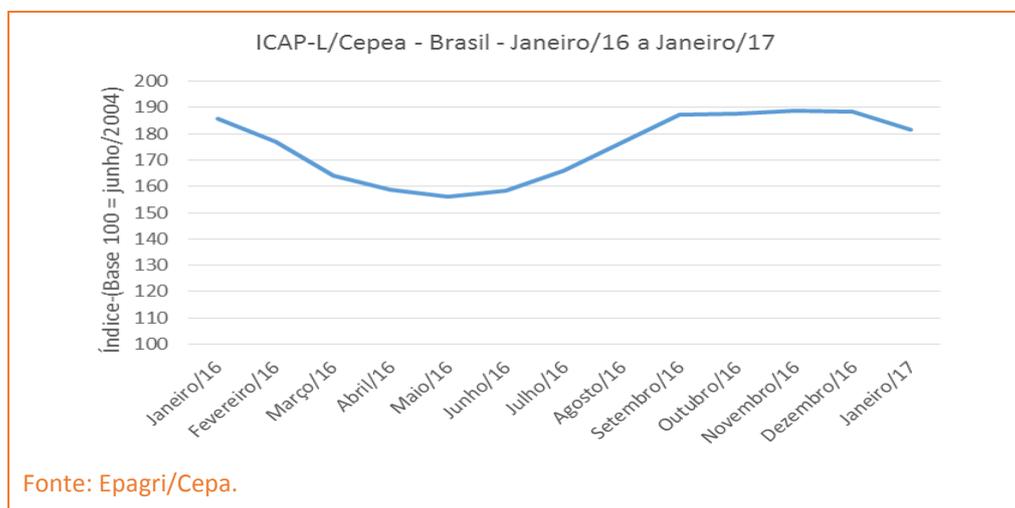
Considerando que o preço de referência aos produtores do Conseleite/SC está diretamente relacionado aos preços de venda dos lácteos no mercado atacadista pelas indústrias, fica evidente que tem havido alguma recuperação na capacidade de negociação destas com o mercado varejista e, conseqüentemente, aumento nos valores de venda de alguns dos seus produtos. Isso pode ser ilustrado parcialmente com os preços de alguns lácteos levantados pela Epagri/Cepa, de maneira especial com o preço médio do leite UHT, que tem expressivo peso na formação do preço de referência do Conseleite/SC, que aumentou 22,1% entre novembro/16 e fevereiro/17 .

**Produtos Lácteos - Preços médios mensais no mercado atacadista de Santa Catarina - 2015-2016**

Mês	Leite UHT - litro			Manteiga extra - 200 g			Queijo muçarela - kg		
	2015	2016	2017	2015	2016	2017	2015	2016	2017
Janeiro	1,59	2,00	2,18	3,15	3,68	5,10	12,28	15,92	17,13
Fevereiro	1,66	2,13	2,43	3,17	3,80	5,10	11,92	15,53	17,13
Março	2,13	2,27		3,17	3,93		12,84	16,97	
Abril	2,13	2,39		3,17	4,46		13,08	18,53	
Maiο	2,17	2,61		3,17	4,87		13,36	19,00	
Junho	2,23	3,27		3,13	5,10		13,94	20,87	
Julho	2,22	3,59		2,97	5,18		13,89	22,98	
Agosto	2,14	3,06		2,94	5,09		14,51	22,98	
Setembro	2,01	2,37		2,99	4,93		14,43	21,46	
Outubro	1,95	2,06		3,32	4,94		13,40	19,86	
Novembro	2,01	1,99		3,39	5,02		13,35	17,96	
Dezembro	1,96	2,05		3,40	5,03		13,34	16,76	

Fonte: Epagri/Cepa.

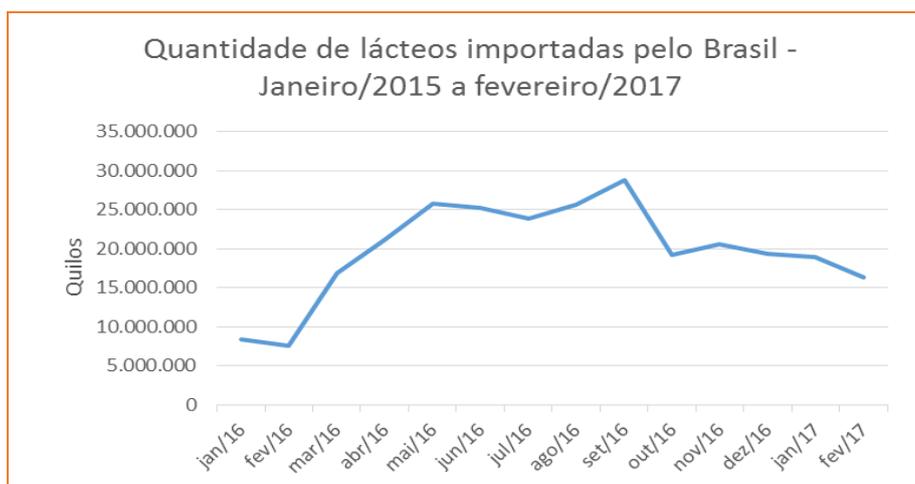
Esse movimento de recuperação dos preços está diretamente relacionado com redução na oferta e de estoques de lácteos nas indústrias. Em relação a esse segundo aspecto a afirmativa é baseada apenas em informações qualitativas de algumas indústrias e outros agentes de mercado, mas sobre a redução da oferta o Índice de Captação de Leite Brasil<sup>1</sup> (ICAP-L/Cepea) deixa poucas dúvidas. O ICAP-L/Cepea – Brasil de janeiro/17 não apenas decresceu 3,7% em relação ao de dezembro/16, como também confirmou a expectativa de que 2017 poderia se iniciar com uma quantidade de leite recebida pelas indústrias inferior à do mesmo período do ano passado, situando-se 2,2% abaixo do ICAP-L/Cepea – Brasil de janeiro/16.



Fonte: Epagri/Cepa.

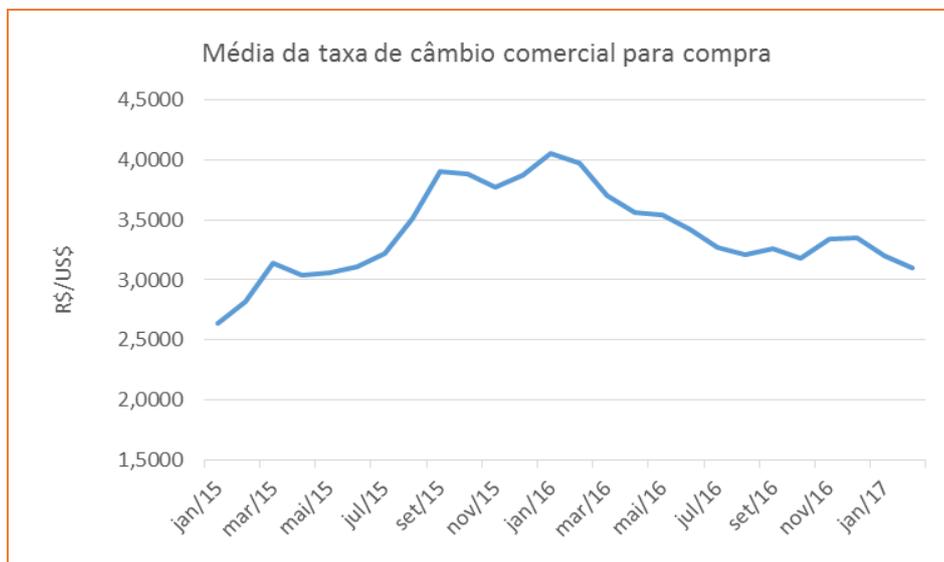
<sup>1</sup> Esse índice é baseado em amostragem e objetiva registrar as variações nos volumes diários captados no RS, PR, SP, MG, GO, BA e SC. A média nacional é calculada conforme o peso mensal de cada estado quanto ao volume produzido, conforme informações do IBGE. Segundo a Pesquisa Trimestral do Leite/IBGE esses estados representam cerca de 85% da quantidade de leite cru recebido pelas indústrias inspecionadas do Brasil.

Em 2016, o decréscimo na oferta interna, a elevação dos preços de alguns lácteos, os preços internacionais em patamares relativamente baixos e a valorização do real, facilitaram as importações brasileiras, que alcançaram 242,57 milhões de quilos de lácteos, 80,6% acima dos 134,29 milhões de quilos importados em 2015 e um recorde neste século (no passado mais distante o Brasil já importou quantidades bem superiores, com recorde estabelecido em 1998 quando foram importados 384,12 milhões de quilos). Como ao longo do segundo semestre de 2016 os preços internos dos lácteos reduziram e os preços internacionais aumentaram, o cenário mais provável era de redução nas importações, o que de fato se confirmou nos meses de janeiro e fevereiro. Entretanto, os volumes importados ainda foram relativamente significativos e suficientes para contribuir no sentido de segurar o avanço de alguns preços internos.



Não é improvável que as importações permaneçam em patamares elevados também nos próximos meses, já que, além de estarmos próximo da entressafra (redução da produção nacional), o atual nível da taxa de câmbio deve contribuir para isso, uma vez que esses dois aspectos dificultam a competitividade da produção/indústria nacional e, conseqüentemente,

favorecem as compras externas.



A eventual manutenção das importações em patamares elevados e especialmente as condições internas da economia brasileira levam a crer que dificilmente nos próximos meses os preços internos repetirão a expressiva trajetória verificada nos mesmos meses do ano passado. Isso de certa maneira já foi mais ou menos indicado tanto pelo projetado para março segundo o Conseleite/SC, quanto pelo preço recebido

neste mês pelos produtores catarinenses.

**Leite - Preço médio mensal mais comum pago aos produtores catarinenses - 2015-17**

Mês	R\$/l posto na propriedade			Var. (%)	
	2015	2016	2017	2016/15	2017/16
Janeiro	0,75	0,91	1,10	21,4	21,4
Fevereiro	0,73	0,95	1,20	30,8	26,3
Março	0,76	1,02	1,25	33,9	22,5
Abril	0,80	1,07		34,3	
Mai	0,87	1,11		27,0	
Junho	0,89	1,19		33,0	
Julho	0,91	1,29		40,7	
Agosto	0,93	1,52		64,1	
Setembro	0,92	1,41		53,0	
Outubro	0,90	1,24		37,0	
Novembro	0,87	1,10		25,6	
Dezembro	0,89	1,08		22,1	
<b>Média anual</b>	<b>0,85</b>	<b>1,16</b>		<b>36,5</b>	

Fonte: Epagri/Cepa.